



**CARMEN  
SANTOS**  
UMA PORTUGUESA DO BRASIL  
QUE TRIUNFOU NO CINEMA  
VER PÁG. 12

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO IV N. 204 12 DE ABRIL DE 1945  
PREÇO AVULSO 1300



UM LINDO SONHO DE MULHER...



...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

**FABRICA PORTUGAL**

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

*J. R. de Brito*  
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

**¡Nervosos! ¡Esgotados!**

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.



Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos



Os ruídos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



A enfermidade, o cansaço ou o abatimento podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia



Quem tem sido forte não pode nem deve condonar os seus músculos a uma permanente inactividade

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

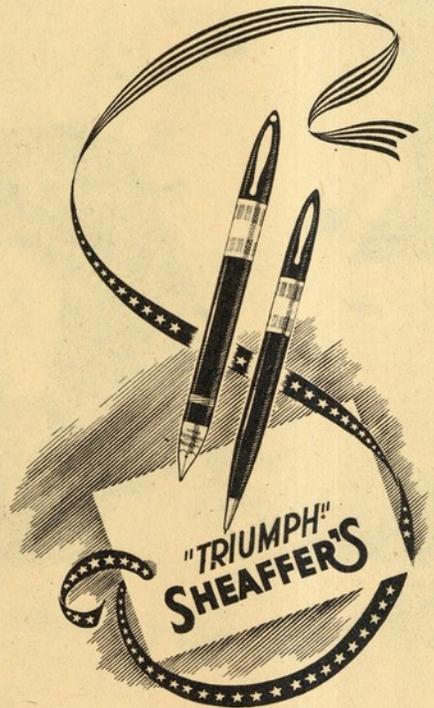
Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

**Fósforo Ferrero**

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L<sup>da</sup>  
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1 - LISBOA - TEL. 26297



sr. ministro da Economia, dr. Luís Sulpício Pinto, deu posse, no seu gabinete, ao novo intendente geral dos abastecimentos — o sr. major João Teixeira Pinto — e aos seus adjuntos, srs. capitão Alvaro Castro Fernandes e dr. Andrade Pinto de Lemos. No discurso então proferido, aquêlê membro do Governo proclamou, como medida fundamental contra o aumento de saldos, uma defesa áspera da estabilização de preços dos gêneros de primeira necessidade.

## UM RETRATO DA CONDESSA DE NOAILLES

Estou em casa da minha grande amiga Admêe Chuvvelot-Daudet que conheci a poetisa Ana de Noailles.

Pequenina, mesmo muito pequenina e trepidante, ao princípio, como que se lhe viam apenas os grandes olhos cinzentos françados de negro, num rosto pálido encaxilhado em cabelos

escuras. Usava, geralmente, grandes chapéus de veludo negro, de forma irregular, a terminar numa pluma de avestruz e envolto num véu que lhe escondia o rosto — e alguém teria dito que, por detrás desse véu, ela se encontrava mais à vontade, mais ao abrigo dos olhares indiscretos.

A condesa Mathieu de Noailles falava muito e mexia-se mais. Mas, nesse dia em que eu a conheci, lembro-me de que, talvez por ter encontrado um interlocutor da sua admiração, foi simples, inteligente e soube até escutar.

Voltei a vê-la mais tarde, em casa de sua irmã, a princesa de Chimay, muito parecida consigo mas de aparência mais calma. Nesse dia, porém, alguma coisa de interessante estava para acontecer. Estava presente a esposa de um grande banqueiro parisiense, inteligente e bastante dada às letras que tinha pela poetisa uma admiração sem limites, mas onde não faltava um certo snobismo à mistura. Numa roda de amigas, a senhora tinha declarado que não partiria — e tinha em sua casa muitos convidados para jantar — sem que beijasse a face da condesa de Noailles, que tardava. Mas, enfim, sempre chegou. Atrou-se para um «fauteuil» e lamentou-se:

— Estes «táxis» são uma atrocidade! Não podia servir-me do meu carro e tive de me confiar a um destes selvagens. Que horror! Estou magoadíssima...

E, sem transição, pondo-se de pé, sobre os pés minúsculos, calçados de botinas de biqueira ponteguda, disse para mim: — Venha deitar-me as cartas. Preciso de saber!

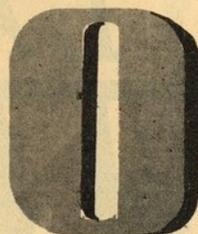
A esposa do banqueiro, porém, reclamava o seu beijo. E o tempo corria. Era preciso que eu intercedesse a favor da pobre mendiga. E, no fim de um jogo de sorrisos, Ana de Noailles pôs os lábios no ponto que a senhora lhe indicava:

— Isso, isso... Está contente? — perguntava rindo a poetisa.

— Estou doída de alegria — dizia a dama, pondo um lençinho fino de rendas sobre a face, como se quisesse proteger o beijo do ar da noite...

\* \* \*

Ainda uma terceira vez vi a condesa de  
(Continua na pág. 16)



homem não ri. Dir-se-lia que traz a alma com braçadeiras de luto. Nada pior para o espírito do que a clausura da melancolia. É atrofiá-lo, amordaçá-lo, é pôr grades ao ímpeto da liberdade. O homem é mais propenso à tristeza do que à alegria. E, no entanto, uma boa gargalhada dá saúde, encobrindo o torpor, o cansaço dos nervos. Um

célebre cientista disse que a alegria ajuda a vencer a doença. Mas, na verdade, quem sabe sorrir com uma tremenda dor de dentes ou, simplesmente, com um calo no pé apertado? Ninguém será capaz, num caso destes, de arrancar um riso amarelo ao desventurado cidadão. O homem isola-se, fecha-se em si, com a sua dor, e sofre, sofre com amargurada resignação. A vida que vivemos, incerta e agitada, as múltiplas tragédias avassaladoras abarcando a humanidade em delírio contagiaram de pessimismo todo o mundo.

Foi como se um grande decorador andasse a pintar de negro a já negra paisagem da vida. O homem sente que não deve rir — tem medo, recela que a gargalhada solta de alto vá ferir os que sofrem ao seu lado, destinos eternos de fatalidade. O sol da Primavera veio na moldura do Inverno; só a natureza é alegre — o homem, diante dela, é o crepúsculo do Outono.

E o sol de nada quer saber. O seu reinado é espalhar luz, aquecer os campos, dar vidas, criar. Por isso êle lambe as cearas — e os campos tristes dos ciprestes, a terra fértil e o chão ensangüentado.

Ele é o símbolo do riso — é a alegria, a paisagem da vida, na sua imutável grandeza. Só o homem, apesar de haver sol, sente que as trevas envolveram o mundo. É o reinado da sombra, da tristeza — sombras negras de cruzes, crepes nas almas, um hemisfério rolando em luto. Como há-de rir o homem? E rir de quê?

Se dá uma gargalhada — passa logo a mão des-

## O HOMEM E O RISO

carnada, magra e hirta, estendida à esmola, um farrapo que é um fantasma para a sua alegria! Victor Hugo dizia que o riso é próprio do homem. E preciso rir até na própria tristeza. E preciso gargalhar na adversidade. Mas êsse riso já não é riso — é lágrima. Essa alegria é pranto. E que interessa ao homem dissimular esgares de bôbo num rosto convulso de choro?

A alegria é à alma infantil e inocente que accorda. É o sentimento a vibrar espontâneo, sem o longo raciocínio do cérebro. Porque riem as crianças — e porque só elas sabem rir! Porque mal pensam. Tudo nelas é espontâneo. E no homem não. Pode, às vezes, ter vontade de dar uma gargalhada — mas pensa logo que será criticado, que não parece bem, que não é sítio próprio, que os outros o vão olhar com censuras.

Por isso deixou de rir. Esboça um sorriso — e o rosto volta a ter as pregas — que são grades — da tristeza. Amanhã, quando no mundo voltar a haver alegria o homem terá de aprender, novamente, a rir. E para isso, melhor do que ninguém, serão as crianças, essas almas inocentes de bibe e calção — quem terá de leccionar na Universidade do Riso. A cátedra, por direito próprio, pertence-lhes.

MANUEL MARTINHO

FIGURAS DA SEMANA



Prof. Amorim Ferreira, sub-secretário da Educação, que foi, recentemente, eleito sócio da Academia das Ciências Exactas de Madrid.



O escritor Jaime Cortezzo, actualmente no Brasil, que foi condecorado, pelo Governo brasileiro, com a Ordem do Cruzeiro do Sul.



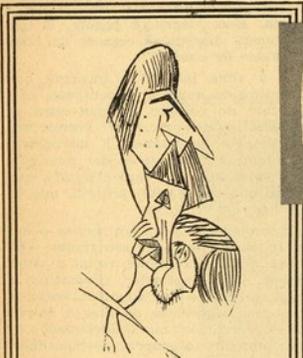
ARTE POSTISTA — «O MENINO-MORTO», POR CHICHARRO-FILHO

isso se chama Postismo, isto é, o *ismo* que vem depois de todos os outros *ismos*. Leu-se o caso que a arte, nesta última época, sofreu uma profunda revolução, sobretudo estética; encaminhou-se para a deshumanização mais compreensivelmente: para a desnaturalização das coisas. O descritivo, o narrativo, o pintoresco e o psicológico caíram em descrédito, dando lugar ao que, muito superficialmente, se pode entender por intelectual, que, se bem repararmos — e partimos desde Aristóteles — tem a sua razão de ser nos sentidos. Quere dizer: o máximo partido pode sacar-se do primeiro elemento postista: a imaginação. O surrealismo, o movimento mais profundo e mais completo do nosso século, focou esta questão diretamente e criou um mundo, mas um mundo exclusivamente para ser compreendido pelos surrealistas. Repara: o surrealismo não se autodefine dizendo o que é, senão o que não é. Quere dizer, deixando em liberdade a inspiração subconsciente, opõe-lhe imediatamente três grandes limitações. O surrealismo diz: escreve ou pinta absolutamente o que te ocorrer, mas sem moral, sem lógica ou estética. O Postismo diz: escreve ou pinta o que te ocorrer, por disparatado que seja; mas procurarás, sobretudo, a Beleza (estética), e esta deve responder a uma lógica rigorosa, por louca que seja... Querendo definir o Postismo com uma só palavra, esta seria: Imaginação.

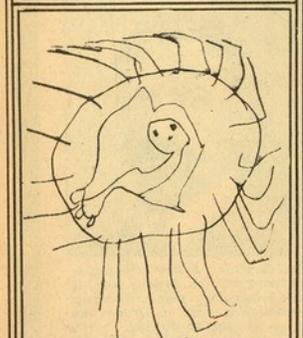
— E como foi recebido o Postismo? — Inquirimos, fingindo ignorar o tumultuar

# ESPANHA LANÇA O POSTISMO

## O PINTOR CHICHARRO-FILHO, NOVO MARINETTI ESPANHOL, EXPLICA O QUE É E O QUE PRETENDE O NOVO MOVIMENTO



Sernesi, Chicharro e Ory, segundo o lápis de Lasz



Que inspiração diacaonica terá guiado a mão do menino Tony?

**O** maior acontecimento literário espanhol destes últimos meses foi, talvez, a aparição da revista de estética literária e plástica intitulada «Postismo». Durante semanas, quasi não se falou de outra coisa nas tertúlias e nos salões onde se reúne a gente-bem... E, quer nos jornais e revistas, quer nos salões e cafés, o Postismo e os postistas foram, e são ainda, motivo obrigatório de conversas e assunto de transcendentis discussões e, quantas vezes, ponte de maliciosas insinuações nas bocas lindas das «salerosas» madrilenas... Enquanto para uns o ser postista é sinónimo de ousadia e «cartela» de poder criador, para outros, para a maioria allás, é ser pedante, é ser

excêntrico, é ser «snobs», sob todos os pontos de vista.

Por acharmos interessante a apresentação do Postismo em Portugal, e bem assim do que pretendem os seus fundadores, abeirámo-nos do chefe e orientador da nova escola ou corrente, antecipadamente crentes de que nada de original ouvíramos, por julgarmos completamente esgotados todos os possíveis meios de expressão e representação artística.

No pequeno e acolhedor Café Castilla, templo literário por excelência desta paradoxal Madrid, e num ambiente de *média-luz* que tornava mais evocadoras as dezenas de caricaturas de escritores célebres que a morte já levou ou que a glória ampara ainda, o pintor Chicharro — filho, fundador da nova escola, explica-nos pausadamente o que o Postismo é e o que pretende ser:

— O Postismo é a herança Imediata e inevitável de todos os movimentos a que se costumou chamar *ismos*. Post-surrealismo, post-cubismo, post-ultraísmo... Por

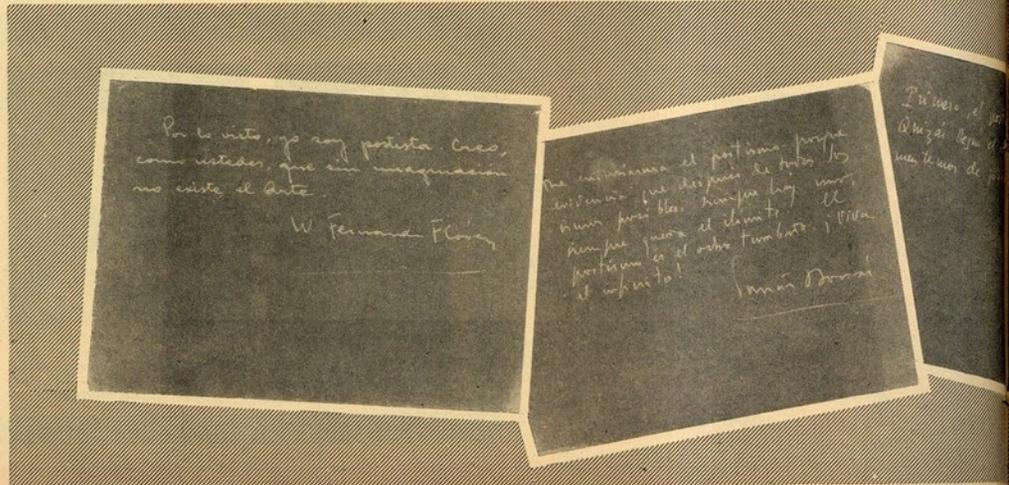
de comentários que postistas lançam contra anti-postistas...

— Mira, em Espanha odeiam esta classe de *ismos*, e por conseguinte quem não estudou, ou não estiver disposto a estudar o nosso movimento insulta-o e que-re-nos mal. Bem sabes que nos insultaram nos jornais e, por aí, nas tertúlias. Todavia, pelo contrário, muita gente ultimamente se tem declarado ousadamente *postista*. Escritores de primeira linha, como Wenceslau Fernandez Florez, Tomás Borrás, Camilo José Cela e Garcia Nieto, estão conosco.

— E há quanto tempo existe já o Postismo?

— Em essência, o Postismo existiu sempre... E esta afirmação é de meu pai, que, como não ignoras, é um grande pintor — certamente bastante conhecido em Portugal — autor do célebre quadro «Fertação de Buda»... Contudo, foi em Avila, no Verão de 1944, que o Postismo nasceu.

Dois jovens postistas vêm sentar-se à nossa beira. Carlos Edmundo de Ory, um



«chico bastante admirado como poeta, e Jaime Pol, o jornalista mais novo que até hoje conhecemos: 18 anos apenas, e já um nome na Imprensa de Barcelona. Chicharro (filho), não se detém todavia:

— Foi ao escrever de pareceria com o Carlos Edmundo a comédia «El Anillo de María Madalena», hoje traduzida já em vários idiomas, e o famoso poema «Dafnis y Leovigildo», que verdadeiramente o nosso movimento nasceu. Se alguém teve a culpa deste parto foi o defundo e imortal alemão Alberto Dürer com as suas assombrosas gravuras, e principalmente com a de «Um homem sentado que ri e fuma com a mão e com a boca».

O «Castilla», entretanto, vai-se enchendo. Escritores célebres, ainda desconhecidos no Chiado; uma escritora elegante e discreta no trajar; dramaturgos, cujos nomes gritaram já talento e humorismo nos teatros «alfacinhas», como aquêle, ali... que se chama Jardiel Poncela; e, saindo por toda a parte, o fino espírito de Wenceslau Fernandez Florez que o seu senhor é, agora, lisboeta e chiadô-filho...

Carlos Edmundo de Ory, lugar-tenente do Postismo, franzino e olhos vivos, espera que o interrogue, o que nitidamente se percebe.

— Ory, achas que muitos escritores se aproximaram de vocês?

— Seguramente! — responde logo. — Por agora, multíssimos estão já a manifestar-se nesse sentido. Informa essa magnífica intelectualidade lusitana que muitos pintores e escritores, como Ochoa, Benjamim Palência, Zabaleta, o caricaturista Lasa e outros, vão descobrindo, nas suas obras, elementos postistas...

— E que sabem vocês acerca do surrealismo em Portugal?

— Nada, não sabemos absolutamente nada.

Chamamos-lhes, então, os nomes de António Pedro e do pintor e crítico de arte António Dacosta — os únicos cultores, se a memória nos não falha, daquela escola artística. E verifico, com tristeza ou alegria — nem sei bem... — que aquêles nomes não chegaram a atravessar a fronteira. Chicharro-filho volta a dar-nos uma nova definição do Postismo e explicar-nos a distinção existente entre o Surrealismo e o novo movimento, mas desta feita com uma infinidade de pormenores, numa dialéctica interessante que o exaltou, aos nossos olhos, como profundo conhecedor da história da Arte. Sintetizando a argumentação do pintor, poderemos dizer que, enquanto para os surrealistas um «Velasquez» e todo o Museu do Prado eram infâmias que urgia queimar, para os postistas todo o *beio* é respeitável e digno de admiração.

Um pouco a cortar a dissertação de Chicharro-filho, que se nos revelara um homem culto e bem relacionado nos meios artísticos de Paris e Roma de antes da guerra, atiramosp-lhe esta pergunta:

— É a pintura espanhola do futuro será postista?

— Não! — diz firmemente o novo Marinetti espanhol. Continuaremos a ter as actuais escolas, e, além destas, a nossa: o Postismo.

E Marinetti, perdão, o seu discípulo Silvano Sernesi, italiano como o revolucionário mestre do Futurismo, chega neste momento. Eis por que «El Nijinsky de la Poesia», um dos ramos da trindade fundadora da nova escola de estética plástica-literária não depõe nesta entrevista.

O poder criador, ou pelo menos a vontade de criar algo de novo, continua a ser um facto nesta bela Espanha.

Picasso era espanhol!...

LUIS QUADROS

### El Pígameo bordonero

Paraboloide insecto  
calenturiento cala,  
encerrador de cuentos,  
degollador de farsas.  
Se parece a una foca,  
a un toro, a un grillotalpa.  
¡No! Es sólo un pobre enano  
brotado de una gacha.

SILVANO SERNESI

### Paisaje flamenco

Marius, Estanislao,  
Diosdado, Clementina,  
Jaime, Jesusa y Pérez,  
Hortensia, Luis, Elvira  
con Antón de la Torre  
y su hermana Cristina  
remando y trasegando  
por la derecha orilla.

CHICHARRO HIJO

### Del donoso poeta entreverado a Sancho Panza y «Rocinante»

Soy Sancho Panza, escudero  
del manchego Don Quijoo;  
puse pies en polvoropor  
vivir a lo discreo.  
Que el tácito Villadiedo  
su razón de estacifró  
en una retira-,  
según siente Celesti-,  
libro en mi opinión divi-  
si encubriera más lo huma-.

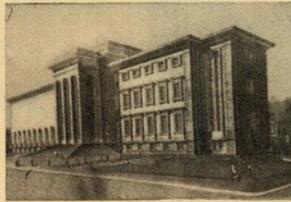
En este mundo traidor  
Nada es verdad ni mentira;  
Todo es según el color  
Del cristal con que se mira.

CAMPOAMOR

Alguns especímenes da poesia postista que, como o descobrimos os modernos intelectuais espanhóis, tem correspondência em Cervantes e Campoamor...



O ultimo quadro de Manuel Lima



Um Circulo de Belas-Artes, por Rui Couto



## NOVOS VALORES NA PINTURA E NA ARQUITECTURA

**É**

notória a existência duma geração de artistas independentes, herdeiros directos do escol de 1910. Criado esse clima de arte moderna, alguns artistas, hoje, entre os trinta e os trinta e cinco anos, constituem a mais manifesta e real prova da nossa maioridade e da nossa independência conceptual.

Alguns desses pintores, refinados por uma educação estética das mais responsáveis, marcam, sucessivamente, a sua categoria e a sua individualidade. Um dos grupos que mais tem revelado excelsas qualidades picturais é constituído, entre outros, pelos pintores Frederico George (Prémio Colombano 1943), Manuel Lima, Rebocho, Manuel Lapa, Maria Kell do Amaral, Magalhães Filho, Alvaro Perdigão e o paisagista inconfundível que é Le Mattre de Carvalho, a quem o Estado adquiriu o quadro

«Portalegre» na actual IX Exposição de Arte Moderna, no S. N. I.

Em exposições parciais, em decorações, em obras de pintura e de desenho, todo esse grupo define uma maioridade pictural de primeira qualidade, a par de reveladas e confirmadas excelências de arte independente e revolucionária.

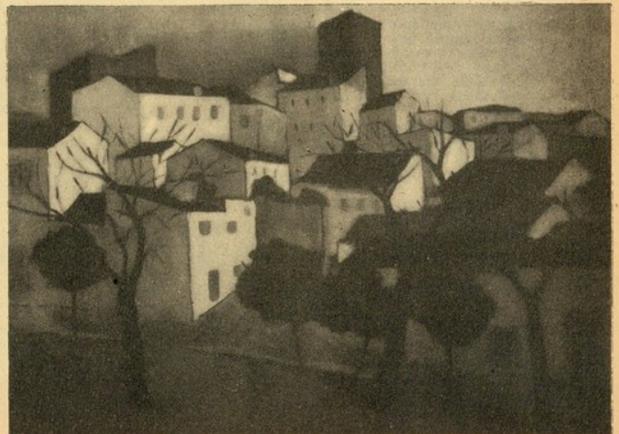
Manuel Lima, um dos mais afirmativos e talentosos pintores da sua geração de resgate, em toda a sua obra de pintura, decoração, desenho e de «maquettes» para cenários teatrais, exprime e revela uma individualidade e uma singularidade notáveis. É um Pintor com máscula, do qual reproduzimos também um desenho a sépia, «Varinas».

Da sua criação plástica acaba de se completar um quadro, que não é vulgar em qualquer geração independente de qualquer país responsável em pintura moderna, e que merece os nossos mais calorosos elogios.

Na perfeição do desenho que é o leit-motiv da composição, na harmonia do conjunto, na perfeição e na poetização da paisagem circundante,

(Continua na pág. 18)

«Corredoura» (Portalegre), de Le Mattre de Carvalho





ESTA É A ÚLTIMA FOTO QUE O OLAVO TIROU

# UM DIÁLOGO COM

**OLAVO**  
**O CINEMA PORTUGUÊS É O MELHOR DO MUNDO!**  
**NO CINEMA NÃO ME SINTO GALÃ...**  
**NÃO ME FALE DA "CINELÂNDIA"!**

ENCONTRAMOS O Olavo no Chiado, com a cara rapada.

— Que é isso? — e olhámos, surpreendidos, o seu lábio superior.

— Sinal de que terminaram as filmagens... da película que interpretei.

— Tóda a sua actividade cinematográfica continua a ser um mistério?

— Porquê, mistério!?

— Porque vocês não dizem nada do filme, e até o meu amigo não pode dar-me uma entrevista...

— Essa agora!? Quem lhe disse semelhante coisa?

— Tóda a gente sabe que a Cinelândia proibiu aos seus artistas qualquer espécie de publicidade...

— Não, meu amigo, nada disso. A Cinelândia só não

quere, e parece-me que muito bem, que quaisquer dos seus colaboradores, artistas ou não, se ponham a tagarelar com os jornalistas sobre assuntos que digam respeito à actividade da firma. Tal qual como acontece em todo o mundo! Você nunca viu o Clark Gable contar a um jornal quais os processos de trabalho e quais os planos da Metro-Goldwyn-Mayer; nem a Bette Davis dizer a um «repórter» como a United Artists pensa preencher o seu programa de produções para o ano tal... As entrevistas com os actores de cinema têm, forçosamente, de os ter a eles por assunto.

— Você, que é também jornalista, não esqueça as dificuldades da profissão: para o que diz, torna-se necessário que o artista constitua, por si próprio, um assunto...

— Claro, claro... No meu caso, o amigo decidirá... — e Olavo sorri, numa tranqüila convicção.

Por nosso lado, sabemos que Olavo d'Eça Leal é realmente um assunto para o público, mesmo que não tenhamos de pôr na sua boca tricas cinematográficas ou segredos de exploração. Por isso, preguntámos: — Como foi você, depois de tão variada actividade e já com essa idade, parar ao cinema?

— Já com esta idade?! Essa, não-é má... Pois fique sabendo que me sinto um rapaz, que sou um rapaz!

— O espírito não envelhece, bem sabemos...

— Qual espírito, qual carapuça! O corpo também está ainda em... «hom usos», digolho eu!

— Você lá sabe... Mas, como foi parar ao cinema?

— Foi o Porfírio...

— O Porfírio? Qual Porfírio?

— Qué, pois não conhece? O Carlos Porfírio, desenhador, poeta, que viveu vinte anos em Paris! Um rapaz admirável, inteligente, dinâmico, civilizado...

— Óptimo. Mas que fez então o Carlos Porfírio? Não esqueça que a entrevista é consigo...

— Convidou-me para entrar numa organização cinematográfica dirigida por ele. Ora, se a organização era dirigida por ele, pela certa que se tratava de uma coisa a sério. E aceitei.

— E está arrependido?

Olavo faz cara de quem não gostou da pergunta:

— Já lhe disse que não posso, nem quero, falar da Cinelândia.

— Mas não lhe perguntei se a Cinelândia estava arrependida de o ter contratado; perguntei se você estava arrependido... E, portanto, tudo quanto há de mais pessoalmente seu, o que lhe pergunto...

— Meu caro: essa lógica, assim, também eu conheço. Mas não pega... Enfim, como a resposta, sincera, é que não estou arrependido com a experiência, não vejo inconveniente algum em dar-lha...

— Muito bem. Está, então, encantado com o papel que lhe foi distribuído, com a sua actuação, com os proventos obtidos...

— Perdão, perdão... Eu não disse nada disso! Não estou arrependido. Foi só isto que eu disse... Quanto a estar encantado com o papel que desempenho, muito longe disso, meu caro... Bem vê: eu não me sinto galã, no cinema — e o Olavo sorriu como a confidenciar-nos que fora do cinema...

— Tenho uma tendência especial para interpretar figuras históricas, certas figuras históricas: Fernão de Magalhães e Miguel de Vasconcelos, por exemplo, tentam-me. Homens frios, maus mesmo, determinados, ambiciosos... Isto de ser galã, não me tenta... Além disso, já há tantos, e dizem que tão bons...

— Parece-me ter compreendido que você fez um galã no filme da Cinelândia...

— Eu não lhe disse isso! Não lhe disse se era o galã, se o cínico, se o pai, se a filha!... Não esteja já, jornalisticamente, a tirar ilacções. Entendido?

Humildemente, pedimos desculpa ao Olavo, e assegurámos-lhe que não tínhamos percebido se ele era ou não o galã. Tranquilizado «oficialmente», prosseguiu:

— Creia você que o público me conhece sob um aspecto que não sou eu...

— Perdão...

— É exactamente o que lhe digo: o jocoso, o bem disposto, o fútil, não são o meu gé-

nero; são, antes, caminhos escolhidos para o êxito, porque o público prefere isso... ao bom, ao sério, ao que vale a pena fazer. Ora, se o público gosta, e eu também sou capaz de fazer, faço... Mas não representam essas coisinhas nada do que eu sou, compreende?

— Parece-me bem que sim. E diga-me, o que pensa do cinema nacional?

Olavo sorri, alarga os braços, e diz com entusiasmo:

— Mas... Óptimo! Esplêndido! Considero o cinema nacional o melhor do mundo!

— Não brinque! E diz você que não é o seu feito isso da «boutade», da gracinha...

— Palavra de honra que estou a falar a sério: considero o cinema português o melhor do mundo. E agora?

— Agora... bem vê: eu vou publicar isso.

— Acho óptimo. Mas precisa também publicar os porquês desta afirmação. Ora oiça: toda a gente será da minha opinião se fizer este modesto raciocínio, se imaginar esta facilma experiência: uma sala de cinema, cheia de público, hein?

— Muito bem...

— Antes de começar a correr a película americana, há um senhor que a explica, e dirá assim: este filme foi realizado pelo melhor realizador do mundo, assistido pelos melhores técnicos de cinematografia, que trabalham com o melhor material do mundo nos melhores estúdios do mundo; o filme é interpretado pelos melhores actores, assistidos pelos melhores caracterizadores, vestidos pelos melhores figurinistas; para os diálogos trabalharam os melhores escritores e para a planificação os melhores cineastas do mundo! Quanto a capitais, gastou-se o que foi preciso! Depois, vê-se a fita — e o público chega à conclusão de que é boa, muito boa.

— E então?

Continua na pág. 16)



Uma indiscrição de amator fotográfico surpreendeu a gentilíssima Reima Baumberg e o Olavo, a dançarem esta valsa, num ambiente tudo quanto há de mais 1900. Talvez não seja exactamente neste «plano» que os leitores verão o simpático par, no filme; mas a valsa que dançam é que é esta, com certeza.





De raposa, «tailleur», o clássico chapéu e as botinas, Guilhermina da Holanda, ao lado do Príncipe Bernardo, seu genro, durante a sua viagem para encorajar aqueles que perderam a coragem.



Em Suíça, a rainha foi recebida, como se vê, com grandes demonstrações de carinho, de alegria — e ramos de flores.

## A CRUZ VERMELHA AMERICANA NÃO ESQUECE OS PEQUENOS PARISIENSES



A França passou um Inverno de frio e de fome. A libertação não conseguiu melhorar as suas condições de vida naquele aspecto, e isto porque a guerra continua, e tudo é pouco para a alimentar. Apesar disso, as Nações Unidas desviaram já da sua frota mercante alguns navios para socorrer as populações francesas libertadas, e a Cruz Vermelha americana distribuiu vestuário e lanches pelas crianças do 18.º bairro de Paris. Esta é, no meio das grandes conflagrações, uma das mais belas missões do organismo da Cruz Vermelha: dar conforto e amparo aos necessitados.

## A RAINHA GUILHERMINA NA HOLANDA

A Europa não é ainda o mar calmo nem o lar estável dos europeus. Mesmo nas regiões reconquistadas e transpostos os obstáculos da ocupação, a Europa não oferece estabilidade para um trono de reis. Mas, entre quantos reinavam antes da guerra, a coroa da rainha Guilhermina é das poucas que não oscilou com a evolução dos acontecimentos. Como nenhuma outra, a política do seu país é una e indivisível. Ainda assim, quem poderá garantir o seu bem-estar — e não nos esqueçamos de que a sua energia é já sexagenária — num país terrivelmente atingido por toda a sorte de dificuldades? Essas dificuldades, todavia, não impediram a rainha Guilhermina de, a 13 de Março, atravessar o Canal da Mancha

Depois de 4 anos de ausência, e-la de visita às regiões devastadas. O povo, o bom, fleugmático e simples povo holandês, recebeu-a de braços abertos e ergueu no ar o galhardete da sua paciente heroicidade.

Aqui damos, nestas fotos, alguns aspectos do que foi essa visita triunfal.

## A CONFERÊNCIA INTER-AMERICANA



1



2

1 Os dois aspectos da Conferência Inter-Americana, realizada recentemente no México, e da qual, entre outras coisas, saíram a declaração de guerra da Argentina à Alemanha e um ajustamento de idéias sobre o comportamento a adoptar com aquele país, depois da guerra. A esquerda vemos o senador Tom Connally, do Estado de Texas, presidente do «Comité» das Relações Estrangeiras do Senado dos Estados Unidos, conversa com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ezequiel Padilla, que é o do centro. Junto deles — à direita — Edward R. Setettinius, Presidente do «Comité» da Conferência da Organização Mundial e ministro dos Negócios Estrangeiros americano. As sessões da conferência realizaram-se no castelo de Chapultepec.

2 O secretário de Estado americano, Edward Setettinius Jr., é recebido pelo presidente da República mexicana, Manuel Ávila Camacho, numa recepção por ele dada no Palácio Nacional, durante a conferência.

A MORTE  
DE  
ANTONIO  
DE MACEDO



ANTONIO de Macedo morreu há uma semana e com ele extinguiu-se uma luz, um dinamismo, uma inteligência e um senso e percepção de arte que, no panorama actual, percorrendo com a vista a galeria dos homens de hoje, não têm paralelo.

Muitas vezes, quando o público, os autores ou os artistas se queixavam de que as coisas em teatro corriam mal, sempre havia uma voz que comentava:

— Imaginem, isto é assim tendo nós o Macedo. Agora, imaginem, se ele nos faltasse, o que seria do teatro!

E, de facto, esse homem de espírito, delicado, que tinha golpe de vista comercial e adivinhava o que podia ser «furo» e era capaz de distinguir um trabalho superior de um trabalho mediocre, reunia a maior soma de virtudes que faziam dele o mais arrojado dos nossos empresários teatrais, aquele com quem era sempre preciso contar, quando se pensava em fazer alguma coisa de grandioso, diferente e de bom gosto.

Depois, é preciso que aqui se saliente: Contra todas as correntes, contra todas as opiniões, António de Macedo foi o único empresário que, ultimamente, se serviu da produção portuguesa, fazendo representar originais nacionais, sem ter em conta subsídios, empréstimos pelos fundos do Estado ou imposições contractuais. Respeitado nas suas opiniões por quantos trabalhavam com ele — e isto porque a experiência e o lustro de cultura faziam dele uma autoridade — António de Macedo deixa uma vaga difícil de preencher: não é em vão que se obtém um treino de 26 anos na gerência de uma meia dúzia de teatros, todos ao mesmo tempo, com uma largueza de vistas e uma ousada concepção do que seja o teatro musicado, onde Macedo introduziu verdadeira revolução. A revista, principalmente, o luxo, a graça, o bom gosto das montagens, a criação de cores e de grupos especializados, a escolha de elementos de que soube rodear-se para levar o nível do espectáculo — são fundamentos do teatro contemporâneo a que é preciso não ficar alheio.

FLORILEGIO



QUEIRAM ou não queiram os feminófilos, os cavernícolas, armados do machado de pedra das ironias frustes, prontos a defenderem os redutos intelectuais onde se enclausuraram, para interdizerem às mulheres a entrada em domínios de inspiração e de pensamento, as meninas portuguesas principiam a franquear o círculo limitativo da sua actividade espiritual. E assim, sucedem-se as provas concretas de que só o egoísmo masculino e a indecisão feminina, ao serviço duma iniquidade multiseccular, encerravam os cérebros do sexo frágil nas compressas férreas dos preconceitos, impedindo-lhes a ascensão para a luz.

Há pouco tempo ainda, registou a *Vida Mundial Ilustrada*, com palavras de caloroso elogio, a exposição de pintura duma novel artista plástica, a menina Sobral Cid, dotada de notável temperamento e de fina sensibilidade.

Hoje, saborei eu o gosto inefável de apresentar aos leitores desta revista, outra pequenina, por Deus privilegiada com vallosos dons.

Não me atrevo, porque lhe bem quero com o enternecido carinho com que tenho seguido pela vida fora suas mãe e tia — ambas artistas de verdade, mas ocultas em velaturas de modestia, conquanto a tia *Maria Helena*, já publicasse dois livros, recebidos pela crítica com veementes louvores — a agradecer a apresentada com os adjectivos da praxe. Sinto-os a subir do coração aos lábios, ungidos daquela suavidade com que nós — as avós — amalgamos as cabeceiras adoradas dos nossos netos e, por isso, tão afogados em maclezas de afecto que seriam ridiculos.

As capelas de rosas com que engrinaldaria o seu nome querido, teçê-



— las-ão os leitores da *Vida Mundial Ilustrada* após a leitura dos dois sonetos inéditos que lhes brindamos.

Maria da Graça Varela Cid, filha de D. Maria Fernanda Vaquinhas de Carvalho Varela Cid e de Manuel Varela Cid, nasceu a 5 de Outubro de 1933. Conta, portanto, onze anos. Desde muito pequenina se apaixonou por assuntos intelectuais e artísticos, conquanto se mantivesse e mantenha infantil e duma ingenuidade simples e cativante que aumenta os seus encantos.

O estudo constitue para o seu espírito, ávido de luz e de serenidades harmoniosas, requintado prazer. Aplicada estudante, frequentista o 3.º ano de português, fala o francês correntemente, conhece muito bem o inglês e cursa o 3.º ano de piano, sob a direcção do seu padrinho e tio paterno, o artista consagrado — Professor Lourenço Varela Cid.

Na execução das dificuldades musicais, Maria da Graça revela invulgar intuição. Penetra-lhes o sentido, apreende-lhes as subtilidades e transmite-lhes os eflúvios com que a sua alma ainda impregna tudo o que toca a sua emotividade.

Na alma desta criança apenas floresce o que é delicado, lírio e puro. Ao vê-la brincar, descuidada e cândida, ninguém suporá que é ela a autora dos sonetos, dum ritmo doce e singelo, nos quais, sob a ingénua visão duma alma que as dores não profanaram ainda, se demonstra que pre-advinhou a cegueira, ante as belezas, eloquentes e eternas, oferecidas pelo Criador à humanidade

(Continua na pág. 14)



JORGE ALVES MANDA-NOS SAÚDADES... E UMA FOTOGRAFIA

JORGE Alves, que em tão boa hora partiu para a América — boa hora para ele, hora triste para todos os que apreciavam o seu talento e a sua camaradagem — não se esquece dos amigos de Portugal. Ele tem feito por lá boa figura e prestigiado o nome da sua terra — mas, ainda assim, não obstante ser hoje uma pessoa importante que fala com os astros e as estrelas da política, do cinema e da arte, Jorge Alves continua a ser o bom, simpático e modesto rapaz que daqui foi. Ainda agora, Jorge Alves nos escreveu — a mandar saúdaes e a fotografia que damos junto. Não é verdade que ficou «bem mesmo»?

DR. ANTONIO  
CORREIA  
DE OLIVEIRA



OS estudos bibliográficos, a génese de certos casos da literatura portuguesa não são terrenos fáceis de trilhar. Talvez por isso, muito poucos são os nossos escritores dados ao estudo dessa emaranhada árvore genealógica. Mais ainda: poucos são os nossos escritores que, com a segurança do dr. António Correia de Almeida Oliveira — um autor com que é preciso contar e que nos vem de Coimbra — conseguem chegar ao fim do seu trabalho e, porque sabem a segurança que puseram nos seus estudos, podem afirmar: concluo porque é verdade.

O dr. António Correia de Almeida Oliveira — que vem de uma família de poetas, escritores e homens de ciência — depois de um trabalho probo e demorado, pôde dar-nos, primeiro, um volume de «O Fidalgo Aprendiz», cheio de notas e uma introdução notáveis para filiar «Le bourgeois gentilhomme» na peça de D. Francisco Manuel de Melo e na «Cortigiana», de Aretino. Agora, e continuando debruçado sobre a obra do autor de «O Fidalgo Aprendiz», António Correia de Oliveira dá-nos um estudo sério da sua poesia, publicando um mensário crítico, notas e selecção de «As segundas três Musas».

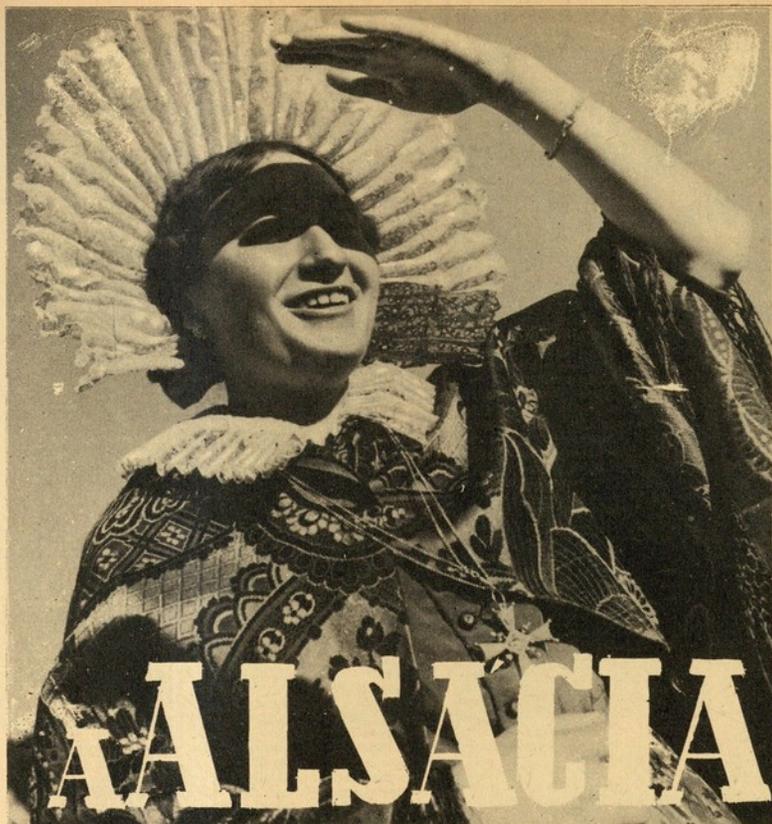
Dentro deste pequeno apontamento noticioso não cabe, evidentemente, a discriminação da matéria dada à estampa. Por nós, limitamo-nos a registar o aparecimento destas obras — que coincide, precisamente, com o aparecimento de um novo autor.

FAÇA DE PAPEL

● Iniciando a colecção *A defesa da vida*, lançada pela livraria Pacheco, apareceu agora um voluminho intitulado *A vida e a morte dos micróbios*, assinado por Mário Monteiro Pereira. Como o título claramente indica, não se trata de um trabalho que interesse ao grande público, e a sua apreciação crítica, pelas mesmas razões, só pode ser feita pelas pessoas competentes nos assuntos especializados que foca. Boa edição, a cores e com gravuras.

● Assinado por F. Chedas, recebemos o volume intitulado *Livro do Capitão sem Nome*, em cujo prefácio se diz estar mobilizado no Ultramar. Oficial que compilou os elementos do livro, que é constituído por interessantes pensamentos de conhecidos filósofos e cabos de guerra. F. Chedas, porém, no seu simpático prefácio, não diz que se sacrifica à crítica, nem sequer a ela informa sujeitar os autores que constituem o curioso volume que fez aparecer à luz da publicidade.

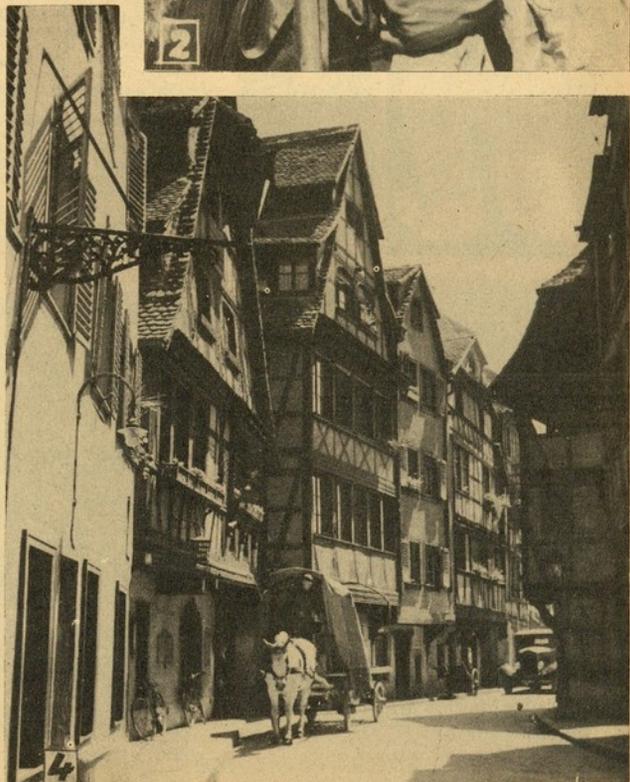
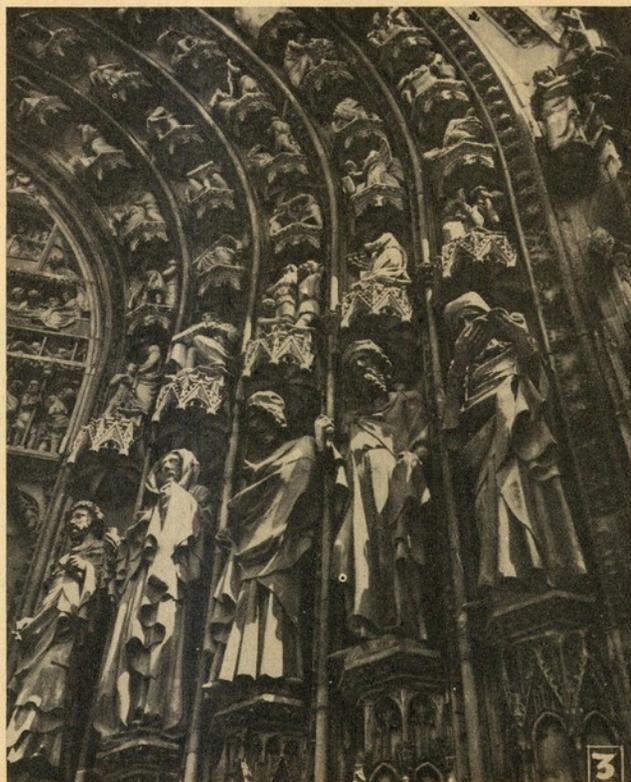
● O sr. dr. José Crespo, médico distinto no Minho, envia-nos mais um interessante trabalho, valorizado pela facilidade de expressão escrita e pela vasta bagagem técnica de quem escreve. Trata-se de «A Higiene na Escola Primária» — um modelo de sugestões, um programa de realizações e uma bela afirmação de que é possível, no nosso meio pobre e canhado, desenvolver uma vasta acção alfabetizadora, no dia em que as bases dos trabalhos tenham o pleno desenvolvimento sugerido no pequeno volume a que estamos a referir-nos.



# ALSÁCIA

## É DE NOVO FRANCESA

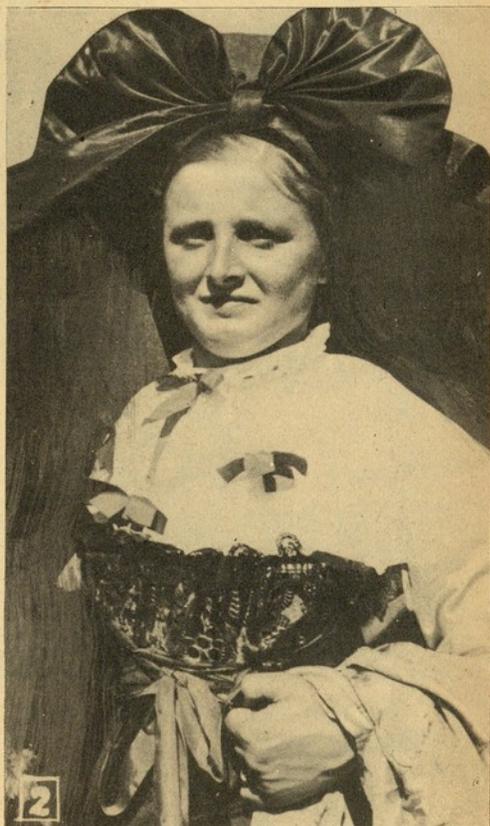
- 1 *Um linda mulher de Wissemburg, na Alsácia.*
- 2 *Outro lindo traje regional de Alsácia, tão conhecido em todo o mundo.*
- 3 *O pórtico da catedral de Estrasburgo é de uma riqueza arquitetônica insuperável.*
- 4 *Há em Estrasburgo um antigo bairro a que os alsacianos chamam a «Petite France».*



Alsácia, a Lorena, como Dantzig, como certas regiões de sentimentos de uma natureza e realidades antagônicas, têm sido, desde sempre, uma razão de lutas. Mas a Alsácia que fala francês e ama a França, parece que nunca esteve conformada com a intervenção dos senhores que falam outros idiomas. Aqui vemos alguns belos tipos de alsacianas que, pelo que as fotos nos dizem, estão satisfeitíssimas por voltar a ser francesas.

A própria arquitetura, a própria escultura da Alsácia não serão ambas um pedaço da França?

A Alsácia foi recentemente desocupada. Que esteja por muitos anos — e que a sua paz seja a paz que se anuncia para a Europa.





AINDA UMA OUTRA IMAGEM DA PRODUÇÃO NA ALEMÂNHA. UMA FÁBRICA DE AVIÕES QUE NOS DÁ A IDÉIA DO POTENCIAL DAS FÁBRICAS KRUPP, NESTA GUERRA.



NÃO há armas secretas para a espionagem—escrevemos num artigo anterior. E se a espionagem francesa pôde descobrir, em 1917, o obus de gases asfixiantes que se preparava nas fábricas Krupp, em Essen, a espionagem alemã surpreendeu também, muito antes que sássemos das fábricas, os temíveis

cortinas de arame farpado e ravinados pelas trincheiras e por milhares de obuses.

\* \* \*

Um serviço bem organizado de espionagem é, em tempo de guerra, uma arma subterrânea de extraordinária potência, que poderemos comparar a um polvo cujos olhos sejam invisíveis mas cujos tentáculos se estendam sobre tudo, penetrem em toda a parte, e esclareçam continuamente o cérebro do monstro sobre tudo o que ocorre na zona em que opera.

Nós vimos, nesta guerra, a aparição das famosas «bombas voadoras» dos alemães, no mês de Junho de 1944, mas sabe-se que, desde os princípios de 1943, ou seja mais de um ano antes da aplicação

do terrível engenho, os ingleses tiveram conhecimento da sua preparação. Sabe-se da luta feroz que, na sombra, enquanto o mundo ignorava o drama, foi orientada pelos ingleses para impedir os inimigos de tirarem partido da nova arma cujo objectivo era a destruição de Londres. E porque essa luta é uma das mais gloriosas páginas da espionagem, vamos ocupar-nos dela nos seus aspectos mais salientes.

Exactamente em Abril de 1943, os ingleses foram prevenidos pelos seus serviços de informações que estava preparado contra êlest um «explosivo volante», de um tipo inteiramente novo e de um muito largo raio de acção. A base experimental do misterioso engenho encontrava-se a mais de mil quilómetros das ilhas britânicas, na pequena ilha de Peenemund, no Báltico. Apesar da enorme distância, a aviação de bombardeamento, em vôos repetidos e concentrados que lhe custaram pesadas perdas, emprenderam a devastação sistemática de tudo o que, na ilha suspeita, tivesse a aparência de fábrica ou oficina de qualquer espécie.

Os resultados desses ataques foram os mais satisfatórios. Como Churchill havia de declarar um ano mais tarde, no seu discurso nos Comuns de 6 de Julho de 1944, o matraqueamento obstinado e incessante das fábricas de Peenemund não só retardou em muitos meses o desenvolvimento e o acabamento do explosivo volante, mas matou naquela ilha numerosos técnicos e pesquisadores alemães, entre os quais o chefe da equipa, o próprio inventor da arma.

Alguns meses mais tarde, os Serviços Secretos faziam uma outra revelação da mais alta importância. Em Watten, no Pas-de-Calais, que se diz, na proximidade imediata das costas inglesas, assim como em determinadas zonas do noroeste da França e da Bélgica, observavam a existência de estranhas instalações. Tratava-se de plataformas de cimento armado, sobre as quais se ergulam, ao abrigo de camuflagens, singulares armaduras.

A aviação de reconhecimento britânica entrou em actividade e completou bem depressa a informação: sem dúvida alguma tratava-se de rampas de lançamento, destinadas a expedir o explosivo estudado em Peenemund sob a etiqueta «V-1».

Um bombardeamento minucioso foi então empreendido, prolongando-se por todo o inverno de 1943-1944, e durante êle foram pulverizadas sobre as costas da França e da Bélgica centenas de instalações inimigas. Nenhuma delas escapou à destruição. Todas, sem excepção, graças aos Serviços Secretos cujos esforços se conjugaram perfeitamente com os da aviação de reconhecimento, foram atingidas antes que os técnicos alemães pudessem ter delas tirado qualquer partido.

A luta da Inglaterra, que havia 14 meses combatia com todas as energias aquela ameaça do seu inimigo, atingiu ponto trágico quando, em Junho de 1944, o Reich empreendeu a construção de um novo tipo de instalações feitas de peças móveis, e cujo manuseio e armação ultra-rápidos lhes permitiam adiantar-se sobre as informações necessárias para os ataques da aviação. Foi a época sinistra em que Londres viu abaterem-se sobre ela os mortíferos «aviões sem pilotos»; mas foi também a época em que os Aliados irromperam através da Muralha do Atlântico, invadindo os territórios francês e belga, impossibilitando assim definitivamente o emprego da nova arma. Londres estava salva.

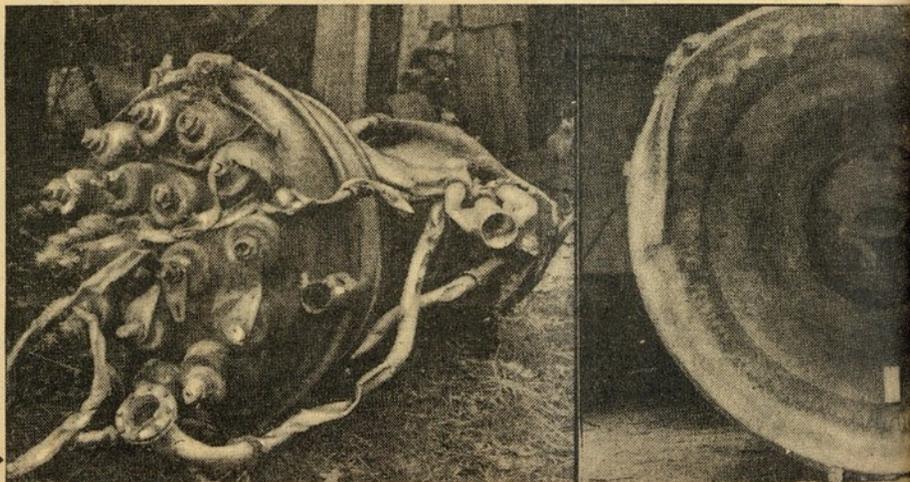
O deputado inglês Duncan Sandys, presidente da «Comissão de Combate às Bombas-voadoras», sublinhou na sua comunicação aos Comuns, em Setembro de 1944, o muito alto mérito que tinham tido nessa vitória os agentes do Serviço Secreto. Nessa ocasião foram revelados alguns pormenores que são interessantes de relembrar:

«Grandes depósitos de bombas-voadoras estiveram em determinada altura acumulados em túneis subterrâneos dos arredores de Paris. A existência desses depósitos foi-nos comunicada e os nossos bombardeiros receberam a missão de os destruir. Os nossos agentes comunicaram-nos depois que o inimigo transportava as suas reservas para outros locais, sobre os quais nos deram também indicações precisas. Um a um, esses locais foram destruídos».

«Em determinado momento recebemos a informação de que um comboio, carregado com duzentas bombas-voadoras, estava prestes a partir para

«tanks» que os britânicos acabaram de concluir do outro lado do Canal.

Essa informação foi obtida pelos serviços da famosa Fraulein Doktor, uma das mais extraordinárias espias que o Reich teve em todos os tempos, e da qual teremos ocasião de falar. E se foi verdade que a intervenção daqueles «tanks» nos campos de batalha provocou, entre as tropas alemãs, a surpresa e o recuo que se conhecem, não foi porque Fraulein Doktor se tivesse esquecido de prevenir os técnicos do Estado-Maior, mas sim porque esses técnicos recusaram dar crédito a essa comunicação, que classificaram de fantasista. Admitiram que uma arma semelhante poderia estar a ser estudada pelo inimigo, mas estavam crentes de que essas pesquisas não poderiam ultrapassar o estado teórico de experiências em laboratórios. Parecia-lhes impossível que o veículo que lhes fora descrito, com a sua formidável blindagem e o seu pesado armamento, pudesse mover-se com rapidez sobre os terrenos onde se desenrolava a guerra de trincheiras dessa época, terrenos obstruídos por



As V-1 e as V-2, a grande revelação deste fim de guerra, feita pela técnica alemã. Aqui estão os destroços do foguete, depois da explosão—ou seja, a partir da esquerda: tubos do indução, no extremo do corpo de propulsão; câmara de propulsão; os dois corpos do motor do foguete, que é alimentado por uma mistura de ar líquido, álcool e outros produtos químicos.

# 4

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY ROWLAND, ESPIÃO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIÃO CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTÓRIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XIII—O DUPLA ESPIÃO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

# ESPIÕES DE GUERRA

# ARMAS

# SECRETAS

POR

## PIERRE GOEMAERE

## UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

a costa. A informação chegou-nos a tempo de podermos lançar os nossos bombardeiros ao ataque desse comboio, que foi destruído antes de chegar ao seu destino.

E a comunicação de Duncan Sandys acabava nestes termos:

«A provação que Londres suportou com tanta bravura foi pesada; mas teria sido infinitamente mais grave sem o trabalho dos nossos Serviços Secretos, conjugado com o dos aviadores britânicos e norte-americanos, e com a acção da nossa defesa local».

Disse-se, com muita justeza, que em 1940 a R.A.F. ganhou a primeira batalha de Inglaterra, batendo a «Luftwaffe» que deveria, pulverizando Londres, paralisar a defesa da ilha—mas não é menos verdade que, em 1943-1944, foram os Serviços Secretos que, em primeiro plano, salvaram Londres do esmagamento a que fora votada por Hitler.

Termino este capítulo de armas secretas tirando das recordações da guerra de 1914-1918 um episódio em que aparece luminosamente documentado a abnegação que é exigida aos agentes da espionagem, aos quais pode ser dada a missão de arrancar rapidamente, e custe o que custar, um segredo ao inimigo.

Em 24 de Março de 1918, o Governo francês fornecia à Imprensa o seguinte comunicado:

«O inimigo bombardeou Paris com um canhão de longo alcance. Desde as oito horas da manhã, de quarto em quarto de hora, obuses de 240 atingiram a capital e os arredores. As medidas tomadas para combater a peça estão em vias de execução».

A fim de acalmar a população, que desde os primeiros obuses acreditou num novo e fulminante avanço do inimigo, que julgara já às portas de Paris, o comunicado acrescentava:

«Convém acentuar que o ponto da frente mais próximo está a 100 quilómetros de Paris, do que

pode concluir-se que a projecção se efectua a uma distância aproximada de 112 quilómetros da capital».

No mesmo dia, muitos avlões levando os melhores observadores de artilharia, levantaram vôo a fim de localizar o canhão. Nessa mesma noite, o local era assinalado. O misterioso e diabólico engenho encontrava-se exactamente a 119 quilómetros de Paris, na orla da floresta de Saint-Gobain. Durante a noite efectuaram-se os primeiros tiros de contra-ataque, ao mesmo tempo que os primeiros bombardeamentos por avião.

Mas era necessário a todo o preço devesar um mistério que, do ponto de vista técnico, apresentava para o futuro uma importância essencial. Qual era o aparelho capaz de enviar a 120 quilómetros de distância, ultrapassando assim todas as possibilidades praticamente admitidas pela balística da época?

A heróica missão de ir ao local «ver» o processo da projecção e conhecer as características, coube a agentes especializados dos Serviços Secretos. Estes agentes, escolhidos entre os que falavam correctamente o alemão, vestiram-se com os uniformes do exército inimigo e foram imediatamente transportados em avião para serem depositados nas proximidades do local de onde eram expellidos os obuses. Assim foram deixados nessa mesma noite cinco homens entre as linhas inimigas. E alguns dias mais tarde, o Estado-Maior francês estava de posse de uma descrição pormenorizada do célebre «Bertha» (assim foi mais tarde o canhão alcunhado pelos parisienses), o qual era um monstro colossal, com um comprimento de alma de 21 metros, com um calibre de 305 L-50, com uma câmara de pólvora de 400 milímetros de diâmetro, e que, sob um ângulo de tiro de 45 graus, enviava até Paris, com a velocidade inicial de 1.500, projectéis de 120 quilos.

A missão fora cumprida—mas dos cinco agentes que a tinham tentado, três não regressaram, nem regressariam nunca mais. Os seus nomes,

como os dos dois homens que trouxeram os elementos informativos às linhas francesas, ficaram desconhecidos, pois assim o determinam as leis desse corpo de guerra a que um dos seus capitães chamou amargamente «o exército invisível cujos soldados obscuros trabalham para a sua pátria e não para a sua própria glória».

A SEGUIR:

TINTA SIMPÁTICA



«M.<sup>me</sup> Docketeur» — um pseudónimo célebre para esconder a verdadeira personalidade de Anne-Marie Lesser — segundo no-la mostra o cinema americano





COMO A

UM  
INQUÉRITO  
FALHADO

# Carris

## IA COMPROMETENDO A CARREIRA DUM JORNALISTA POR CAUSA DAS NOVAS MEDIDAS PARA O TRÂNSITO DOS «ELÉCTRICOS»

**M**OMENTO problema, o dos «eléctricos»! Numa Carris supôs que poderia tirar-se a vedeta n.º 1 de Lisboa. Pôde bem dizer-se que se trata de uma partida pregada pela gasolina à electricidade... A verdade é que a administração da Carris tomou inúmeras medidas, das quais o público, entretanto por distração, não se apercebeu; e agora as autoridades interessaram-se pelo caso, e legislam. Desta vez o público percebeu qualquer coisa...

Quisera saber o que sobre o assunto pensava o homem à rua, o desconhecido que se serve do «eléctrico» para ir de casa para o emprego, para poder ganhar a sua vida. Ali no Rossio, junto da cabina do expedidor, abordámos um, ao acaso. Homem de meia idade, ventruado, de pasta na mão, com ar apressado.

— Que pensa o senhor das reformas nos serviços da Carris?

O homem olhou-nos, surpreso. Mirou-nos depois, desconfiado — e com um apecto pouco tranqüilo, pre-

guntou por sua vez:

— Porque quer o senhor que lhe dê a minha opinião?

— Para saber...

— Para saber a minha opinião? Ora essa! Que tem com isso?

O princípio deste inquérito era desolador, mas a perseverança é essencial em jornalismo. Na linha por onde descem os «eléctricos» que vêm da Avenida, abeiramo-nos de um grande carro aberto que chegava à paragem.

— Que pensa das reformas da Carris?

O interpelado olhou-nos, meditou um momento, olhou-nos outra vez — e seguiu o seu caminho. Estávamos a ver um serviço «falhado», uma descompostura do chefe de Redacção, a má cara do director, o despedimento por incompetência, enfim, todos os espectros que se erguem perante um principiante aflito. Lembrámo-nos então que as mulheres são mais atrevidas que os homens, mais linguareiras. Consultámos o fotógrafo que nos seguia, cabisbaixo, testemunha desalentada da nossa derrota profissional. Eleteve um olhar animador que nos encorajou.

(Continua na pág. 18)



1

Pensou-se em tudo, julgou-se possível evitar todos os congestionamentos mas, ao fundo da rua dos Fanqueiros ainda há destas confusões...

2

Sim, de facto, foram tomadas muitas medidas. Mas como os carros extraordinários «não vão ao seu destino» e nem todos estão em condições de pagar dois bilhetes — os «pingentes» continuam...

3

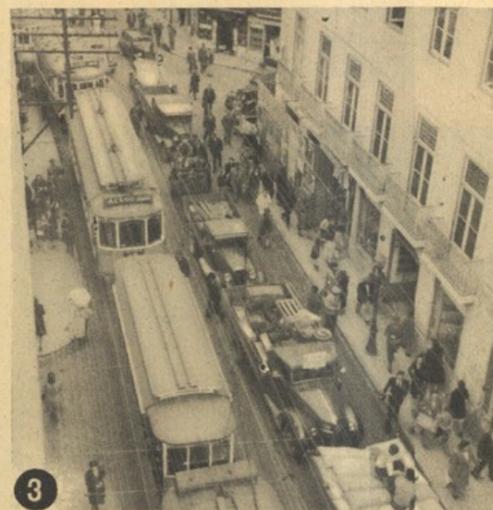
Aqui, no entanto — e sempre que a carroça não comanda os movimentos do pelotão de «eléctricos» e automóveis — a facilidade de trânsito parece assegurada.

4

Aqui está uma cena trágica da rua do Arsenal. Quem há-de acudir a esta pobre gente? Tudo parado, à espera que lá ao fundo a meada se desenrole...

5

Andar de carro? Para quê? O melhor é ir na carroça, que sempre vai na frente. Não seria possível fazer compreender aos carroceiros que os «raills» são para o «eléctrico»?



# OLIVEIRA MARTINS e o centenário de EÇA DE QUEIROZ

(Continuação da pág. 17)

Esta, a nossa opinião. Quisemos, porém, ouvir alguém que sobre tal assunto nos prestasse elementos pormenorizados que nos habilitassem a concorrer para o centenário de Eça de Queiroz com a apresentação de uma grande figura que Eça muito admirou, e que foi uma das que, com ele, fizeram o prestígio das nossas letras e foram glória do nosso pensamento durante o último quartel do século passado — Oliveira Martins.

Nesse intuito procurámos o dr. F. A. Oliveira Martins, sobrinho do escritor dos «Filhos de D. João I». Recebeu-nos num dos salões da Sociedade de Geografia, e dispôs-se amavelmente a atender-nos.

— Que pensa das comemorações queirozianas?

— Penso que, antes de tudo, deviam fazer-se edições populares de toda a sua obra. As edições populares a que me refiro seriam populares no seu preço e não na apresentação. Bem vê: dizer coisas bonitas de um escritor só interessa aos que conhecem esse escritor; portanto, antes de mais nada, creio que deve pensar-se em imprimir a obra de Eça em condições tais que toda a gente possa adquiri-la. De resto, acho muito bem e justíssimo que o seu centenário seja comemorado condignamente.

— Mas, acha que Eça de Queiroz é a única personalidade cujo centenário deveria comemorar-se no ano corrente?

O nosso entrevistado hesita. Vê-se que a pergunta o embaraça ligeiramente — mas logo encontra uma plataforma, encarando de frente o problema:

— Bem vê: eu sou sobrinho do outro... Do outro homem cujo centenário, em rigor, deveria ter comemorações paralelas às de Eça de Queiroz. E isto do «sobrinhatos» é muito deli-

cado... Se não tivesse recelo de inverter os papéis, preferia fazer-lhe eu essa pergunta... É certo que Oliveira Martins não foi, literariamente, inferior a Eça; e é certo que enquanto o romancista da «Ilustre Casa» se desempenhou brilhantemente dos escolhos da sua carreira consular, Oliveira Martins afirmou em Portugal, com rapidez de meteoro mas com fulgurações de génio, todo o seu extraordinário talento político. Acho que se trata de duas figuras igualmente grandes, igualmente honrosas para o período histórico em que viveram. E a par d'elles estão, mais perto que quaisquer outros, Ramalho e Antero.

— Falou na carreira política de Oliveira Martins...

— Sim. Foi ministro quatro meses. Mas, durante esses quatro meses, debelou uma das mais tremendas crises económicas e financeiras que tem conhecido Portugal, e legislou o necessário para justamente poder ser considerado como um precursor das modernas concepções sociais e também do papel cada vez mais activo que o Estado vai tendo na vida das nações. Não se esqueça de que ele foi convidado para ir à Suíça, à primeira reunião internacional do Congresso do Trabalho; não se esqueça de que ele pretendeu aumentar a ingerência fiscalizadora do Governo em todos os ramos da actividade nacional; e não se esqueça também de que Oliveira Martins, porque era só político pelo génio e pela sua esclarecida visão, foi apeado do poder pelas tricas dos bastidores daquele tempo, logo que promulgou as medidas antipáticas para debelar a crise. Os profissionais da política de então serviram-se d'ele e do seu talento para conjurar um perigo em que to-



Retrato de J. P. Oliveira Martins (1882)

dos se afundariam; afastado o perigo, afastaram-no a éle... O homem não muda.

— Sabemos que, quando do «ultimatum»...

— Essa seria das páginas mais brilhantes e mais habilidosas da nossa diplomacia. Desgraçadamente, não deixaram que a escrevesse. É certo que o escritor tinha a confiança política de D. Carlos e do próprio João Franco; é certo que o rei disse depois que não fôra por culpa do Paço que acontecera o «ultimatum»; e é igualmente certo que Oliveira Martins, longe de discutir com a Inglaterra, queria negociar com ela. O ponto de vista britânico, que foi leviana e culposamente ajudado pela não esclarecida visão do nosso ministro Barros Gomes, era conseguir uma rutura de relações; assim, o pleito resolver-se-ia pela força, e a Inglaterra tudo ganharia sem nada perder... Oliveira Martins, perante essa realidade, pretendia negociar em vez de azedar a questão... Mas só o rei o ouvia; os políticos entendiam que devíamos jogar nas divergências das grandes potências... E aconteceu o «ultimatum».

Estes curtos testemunhos que recolhemos da opinião autorizada do dr. F. A. Oliveira Martins são mais do que suficientes, juntos a tudo o que a nossa literatura deve ao Joaquim Pedro, de que nos fala Eça de Queiroz, para o colocar no mesmo plano do grande romancista.

O nosso entrevistado tem desenvolvido uma infatigável actividade demonstrativa da acção desconhecida de Oliveira Martins em prol do país: em conferências, livros e publicações em revistas, tem-se ocupado incessantemente do assunto. Nós quisemos apenas, com esta entrevista, prestar uma justíssima homenagem à memória de Oliveira Martins numa altura em que o nome de um seu companheiro muito querido anda nos escaparates da publicidade. Quisemos lembrar que, com Eça de Queiroz, houve outros — e, entre eles, o homem que teria evitado o «ultimatum», o artista incomparável da «Vida de Nun'Álvares», o historiador consciencioso da península ibérica, o português de lei que foi Joaquim Pedro de Oliveira Martins, cujo centenário este ano se regista, o que muita gente parece ignorar...

## E O PERFIL DO SEU ROSTO SERÁ IMPECÁVEL DE BELEZA!

Ainda que o trabalho seja árduo e o desporto violento, o Oatine Cream garantir-lhe-á um parecer róseo de permanente beleza, que, no conceito do homem, constitue a essência da verdadeira formosura. O Oatine Cream é o produto mais científico,



o mais recomendado por médicos eminentes, como possuidor das propriedades indispensáveis ao alimento, conservação e restauração dos tecidos cutâneos, e sempre o preferido pelas mulheres inglesãs.

À venda só nas boas casas, em bisnagos e botões de vários tamanhos

Durante o dia empregue Oatine Snow o creme oxigenado, que dá à cutis um aveludado de incomparável beleza.

**Oatine**

Depósito: Trav. do Cotovêlo, 37

# FOGO!



EM POUCOS MINUTOS DESTROI O PRÉDIO ONDE O VOSSO CAPITAL ESTÁ TÃO BEM EMPREGADO...

...MAS ESTE CAPITAL ESTARÁ INTEIRAMENTE GARANTIDO COM UM

SEGURO CONTRA INCÊNDIOS NA COMPANHIA

**PORTUGAL PREVIDENTE**  
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS  
CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS

Sede: RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA — Telef.: 2 4040  
Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA e FARO

## Flori légio

(Continuação na pág. 8)

ingrata e má e como as tempestades, os ventos impetuosos, devastam rosas e corações.

Tem a palavra Maria da Graça:

O VENTO

Vento, deixai sorrir a Natureza!  
Vindes ao Mundo só p'ra destruí!  
Deixai-nos ver a última beleza  
De uma roseira brava lnda a florir.

Gemem árvores cheias de tristeza,  
Por ver seus frutos todos a cair.  
E tinham tanta graça e singeleza  
Que chora o coração vendo-os partir.

Eu amo o Sol que abraza os corações;  
Detesto a chuva, o vento e os trovões;  
Tudo aquilo que chama pelo pranto.

Tudo é bonito, quando nada boie  
Este calor que espalha o lindo Sol  
E enche os corações de doce encanto.

AGRADECIMENTO

Repara, minha Mãe, naquela fonte!  
E neste azul, tão puro, do Infinito!  
Que lindo aquéle verdejante monte!  
E que linda esta pedra de granito!

Olha daqui o límpido horizonte.  
O pôr-do-sol, repara: que bonito!  
E como fica bem, ali defronte,  
A ermida do Senhor Deus Bemdito.

Eu agradeço a Deus Nosso Senhor,  
Em nome de algum pobre pecador,  
Que a Jesus não saiba agradecer...

Céu... Estrélas... Oceanos... tudo,  
[enfim,  
Não os fêz o Senhor só para mim...  
...E há tanta gente sem o entender!

EMILIA DE SOUSA COSTA

# P

ASSOU o 9 de Abril, uma data que o soldado português não esquece, tão ligada ela anda a um heróico insucesso. A pátria, ao contrário do que muitos poderiam supor, não é

grata só aos que sabem vencer. Também lembra os que sabem morrer heróicamente, como esse punhado de homens que, na frente de Armentières, foram vencidos pela força alemã. Quasi sós, contra todos, duas divisões do Corpo Expedicionário Português, já cansado e gasto nas trincheiras, esses homens que se estendiam ao longo de La Lys tinham uma missão nobre a cumprir: dar tempo e possibilidades de o comando britânico retirar para o Somme. Mas, à sua bravura, à sua heróica resistência estava reservado um papel ainda mais alto e nobre: morrer, ser vítima de um esmagamento quasi total, sofrer o peso de um ataque longamente preparado.

E todos os anos, os que não morreram e foram testemunhas desse suicídio heróico, vão, como foram há

# N

UMA hora de tantas dificuldades para a economia portuguesa, um novo ponto de interrogação vem colocar-se perante tanta gente do país — especialmente da gente de Gaia: até que

ponto o incêndio nos armazéns da Real Companhia Vinícola, destruindo perto de 4 mil cascos de vinho do Pôrto, poderá afectar a economia daquela região, o nosso comércio exportador e a situação material de quem vive metido na engrenagem daquele importantíssimo organismo?

E este o ponto de interrogação que se nos apresenta — e que, fazemos votos, não terá a repercussão e o tamanho que pode parecer à primeira vista.

dias, evocar a morte nobre dos que não puderam voltar à pátria: são algumas flores de saudade, que a pátria agradecida vai desfolhar na campina simbólica dos que morreram por ela...



Nunca, talvez como hoje, os Açores estiveram tão perto do continente. E, para demonstrar este teorema, o sr. dr. Armando Narciso esteve, há dias, na Sociedade de Geografia, onde fez uma conferência intitulada: «Possibilidades Geográficas do Turismo no Arquipélago dos Açores». As palavras da conferencista — judiciosas e revestidas de autoridade e oportunidade — foram acompanhadas de profeccões que o auditório sublinhou com fartos aplausos.



A Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica e, como ela, todas as altas câmaras da ciência portuguesa, não podiam ficar indiferentes à passagem do centenário de Röntgen. E, assim, no hospital de S. José realizou-se, promovida por aquêl alto organismo e com a presença do sr. ministro da Educação Nacional, uma brilhante sessão em que foram também comemorados os 50 anos da descoberta dos raios X. Entre os oradores, figurou o sr. professor dr. Amorim Ferreira, sub-secretário do Estado da Educação.



O sr. general Peixoto e Cunha, que deixou o alto cargo do Governo Militar de Lisboa, foi alvo de uma expressiva homenagem por parte dos comandantes e segundos comandantes das unidades daquele Governo. Na Casa Militar, e como pretexto para a troca de expressivos brindes, foi oferecido àquêl ilustre oficial — e a esta festa tocante associou-se o sr. ministro da Guerra — um banquete que teve a comparencia de algumas dezenas de oficiais de alta patente do nosso exército.



Terceira desusada concorrência e repercussão especial, a primeira sessão de trabalhos do Congresso Português de Urologia — o quinto promovido pela Associação Portuguesa de Urologia, de colaboração com a sua congénere espanhola que também aqui se fez representar. Na sessão inaugural esteve o sr. ministro Prof. Caeiro da Mata, prolongando-se a ordem dos trabalhos por alguns dias.



Foi uma festa tocante a que o sr. Charles Gorlier, novo cônsul da França em Lisboa, oferece, há dias, no «Foyer» dos Combatentes da Grande Guerra, em honra dos novos ministros sr. e sr.ª Du Sault. As figuras mais representativas da colónia francesa em Lisboa acorreram à recepção de que damos um flegante. Ao fundo, vêem-se os srs. Du Sault e, à frente, o sr. cônsul Gorlier.

# Um diálogo com OLAVO

(Continuação da pág. 6)

— Espere aí. A seguir, antes de correr o filme português, há um sujeito que se levanta e diz: este filme foi realizado por um senhor que pouco ou nada percebia de cinema; os actores nunca tinham representado e o caracterizador é um curioso; os técnicos são habilidosos, e o material o que se pôde arranjar; o argumento é de um senhor que o escreveu numa noite para receber o dinheiro na manhã seguinte, para comprar um par de sapatos; a planificação e os diálogos, de dois rapazes muito simpáticos, que eram amigos do capitalista, que deu para o filme mil e duzentos contos, e que para dar os últimos trezentos contos teve que os ir pedir emprestados a um amigo. O público vê a fita, e gosta também! Ora, meu caro, se em produções feitas com estas diferenças se consegue que a segunda também agrade, quer isso dizer que se a diferença não fosse tão acentuada, o segundo filme seria infinitamente superior ao primeiro!

Após esta demonstração por a+b, Olavo recosta-se um pouco, e prossegue:

— Que eu ainda hei-de realizar um filme! Sinto, de resto, muito mais aptidões para isso do que para representar. Bem vê: já fiz desenhos animados, já fui assistente de produção, em Paris; sou jornalista, escritor, de Literatura e da Rádio; tenho viajado o meu bocão, e, que diabo, não sou um sarracafá e tenho relações com o bom-gosto... Não lhe parece que já houve em Portugal quem realizasse filmes e que estivesse para isso menos apto?...

Nem respondemos, porque não há discussão; ou antes: a discussão seria dolorosa, teria aspectos sangrantes de ridículo e de tragédia. Limitámo-nos a concordar plenamente. Olavo prosseguiu:

— Creia, você, meu caro, que o necessário é que se façam as coisas para as coisas... Isto é: um argumento bom, pode não ser bom para

nós, pela razão simples de não termos elementos que o valorizem. Apareceu agora um argumento à base de 14 raparigas bonitas e engraçadas... Mas onde estão as 14 artistas nossas, que sabem estar defronte da câmara? O que é preciso é encontrar histórias boas que não fiquem prejudicadas pelas possibilidades de execução. Se a história for fraquinha, mas muito bem defendida na interpretação e na maneira como é contada, é isso bem melhor que ser a história um achado mas resultar ridícula ou nitidamente inferior, depois de filmada.

Olavo é um conversador admirável, tão admirável que até nos esquecemos da tirania do espaço, que ocupamos sem dar por isso, não tendo para tal necessidade de recorrer aos estafados adjetivos...

Despedimo-nos. E ele, numa última recomendação:

— Não se esqueça: sobre a Cinelândia, nem uma palavra...

— Mas como as escreveria, se você as não disse?

Olavo bate-nos no ombro, e sorri: — Ora! Você bem sabe como essas coisas se fazem...

De repente, lembrámo-nos que alguma coisa faltava. E perguntámos ainda:

— E como se chama o filme?

— A produção n.º 1 da Cinelândia — respondeu ele, imperturbável.

— Não é isso. Quero o nomezinho de baptismo da produção.

— Os padrinhos ainda não chegaram a acordar...

— Pode lá ser, depois da criança já andar!...

Olavo deve ter reparado que isso seria comprometedor para a organização, e esclarece numa evasiva que nos vence:

— Quere dizer: eu sei que o filme já está baptizado; mas ignoro o nome... — e no sorriso com que se despediu estava a pedir-nos que não insistissemos.

M. L.



## DETECTIVE MAGAZINE

**O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA**

Sai na próxima terça-feira, dia 17  
Vai ser o grande acontecimento da semana  
COMPRE AVULSO OU FAÇA A SUA ASSINATURA. SENDO ASSINANTE DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», RECEBERÁ «DETECTIVE» GRATUITAMENTE

Pedidos à  
Rua da Emenda, 69-2.º — Lisboa

## UM RETRATO DA CONDESSA DE NOAILLES

(Continuação da pág. 3)

Noailles em casa do Presidente e de «Madame» Venizelos, em Paris: chegou era mais de meia-noite e ficou muito admirada de o jantar já ter terminado...

Enfim, eu já sabia bastante a respeito de «Madame» de Noailles em público, no meio da sua corte de admiradores, mais ou menos convencidos de que a punham insuportável de nervosismo.

Agora, o que me interessava era vê-la na intimidade — porque, aí, ela era admirável.

Para compreender bem Anna de Noailles, era preciso, em primeiro lugar, não esquecer que ela só era francesa pelo casamento. Tudo nela era oriental: o andar, o olhar, a voz, a maneira de vestir...

Anna de Noailles tinha vindo para Paris muito jovem, e ali fora instruída e educada. A sua viva e surpreendente inteligência tinha-a pôsto em contacto com os grandes artistas que apreciavam a sua conversação tão viva e as suas idéias pessoais a respeito de tudo. O seu talento tinha conquistado Paris.

Sentia na máxima expressão a angústia de morrer: «não fui feita para ser uma morta» — tinha ela gritado, na sua voz musical.

E chegou a confiar-me a esperança de que, antes que envelhecesse, um sábio havia com certeza de encontrar o meio de dar à humanidade possibilidades de viver muito tempo, muito tempo...

Foi na Primavera que partiu aquela que sempre comparei a uma bela camélia branca. Mas, nascida sob o ardente sol do Oriente, pouco a pouco as suas pétalas tinham estalado sob o nevoeiro e o frio do céu de Paris...

...Mas ela não morreu. Depois de ter cristalizado a alma nos seus poemas, essa camélia branca desfolhou-se...

RENÉE DE CHARMOY



**PASTA MEDICINAL**  
**Couto**  
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 10\$50  
Medicinal grande — tubo 16\$00  
Vulgar pequena — tubo 4\$00  
Vulgar grande — tubo 7\$00



Ouvir um **LUXOR** é um prazer!

Casa José Costa ~ Rádio Luz  
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa  
Tel. 24888



composição / Mentolum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs. / Lanolinum Anhydricum 16 grs.

**BAUME BENGUE**  
ANALGÉSICO  
GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



CA de Queiroz. Eça de Queiroz. Eça de Queiroz... — é o que se vê nos jornais, nas montras dos livrinhos, o que se ouve na Rádio e o que vai ver-se e ouvir-se no Cinema. E ainda bem que assim é, e que as entidades oficiais apadri-

nharam as comemorações do centenário desse escritor de raça. Porém — e esta adversativa em nada limita o nosso aplauso ao brilho com que vai homenagear-se a memória do autor de «Os Maias» — porém, há que não perder a exacta visão da grandeza de outras figuras coevas de Eça; se é certo que a noção das proporções não pode ser obliterada por muito retumbantes que venham a ser as comemorações agora ainda em preparatórios, e isto porque enorme é a figura do homenageado — a verdade é que a circunstância de se comemorar assim um dos grandes homens do século passado, só não ferirá susceptibilidades nem representará uma flagrante injustiça, se a outros homens, semelhantes a ele, e que ele tanto admirou, se dedicar um pouco mais que o obstinado e forçado esquecimento em que parece pretender-se o apagar dos seus nomes da pleiade dos melhores valores nacionais. Ao lado, e não abaixo de Eça, estão Ramalho, Antero e Oliveira Martins.

E certo que não há uma escala milimétrica por onde possam medir-se as insignificantes diferenças da altura do talento desses homens — mas nem ela é necessária. O que é necessário é que o nosso século XIX não seja agora apresentado como tendo legado ao seguinte um homem só — Eça de Queiroz!

Não há dúvida de que o romancista extraordinário que foi Eça lhe deu, e lhe mantém junto do grande público, um nome mais decorado que o dos outros citados. Mas não é o grande público que vai homenagear Eça de Queiroz — é o pensamento nacional, é a Inteligência. E, para estes, Eça não pode estar colocado a uma incomensurável distância daqueles três cérebros, perante os

quais o romancista se vergava em franca, em absoluta admiração. Ora, a omissão sistemática desses outros nomes, paralelamente à glorificação do daquele, irá acentuar mais profundamente ainda o benefício da popularidade de Eça em detrimento da dos seus companheiros de vida e de talento.

Haverá certamente quem pergunte: Eru detrimento, porquê?

Sem discussão, em detrimento, responderemos. Só não será assim para os intelectuais ou para os estudiosos, mas, para estes, também a comemoração do centenário queiroziano nada acrescenta à admiração pelo escritor. Porém, junto de todos os que essa comemoração impressiona, o silêncio sepulchral que se tem feito — e parece haver tendência para continuar a fazer-se — em volta dos «outros grandes», dá-lhes por certo uma noção errada dos valores da época, da qual julgarão ter recebido exclusivamente Eça de Queiroz. E aqui está o detrimento, injusto e revoltante que vão sofrer os companheiros de Eça, se os organizadores do seu centenário não tiverem uma visão acertada na forma de orientar a homenagem mercêdissima que vai render-se. Isto é: de futuro, deverá dizer-se: o programa oficial anuncia que vai comemorar-se o centenário de Eça e de Oliveira Martins — que também passa este ano.

É necessário estabelecer-se e frizar-se constantemente, que Eça de Queiroz não foi, no seu tempo, um produto esporádico, um diamante que brilhasse num monte de entulho; o seu espírito magnífico floresceu entre outros espíritos magníficos, que essa época da vida nacional deixou manifestarem-se em toda a irradiação do seu talento.

O que se disse em nada pouca, em nada limita a universalidade e a «alturas» de Eça de Queiroz; ao contrário, consolidam-nas entre outras, sem lhe empanar o brilho — e que maior prova de talento pode dar um homem que resistir à oposição de outros talentos?...

Torna-se imperioso que os «admiradores oficiais» do escritor de «A Relíquia» o não admirem menos do que nós... — e não passem, ao glorificá-la em público, a considerá-lo uma visita inoportuna mas um verdadeiro convidado de honra.

(Continua na pág. 14)

# OLIVEIRA MARTINS E O CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ

## UMA OPINIÃO E UMA ENTREVISTA

Paço de Belem Lisboa

M. de Oliveira Martins

Quando eu vou a outros dias falamos juntos e aqui em Belem não me esqueço de a ter lido a sua obra recente a

Como sabe qual que o seu objectivo é: absolutamente necessário

que seja um volume pequeno, por causa das graves dificuldades em

a sua entrada para a festa de homenagem, para evitar uma

crise, que evadida sendo seria prolonga e cujo resultado seria

o mesmo ou as páginas as indispensáveis que representam.

Desta vez faço appello a sua amizade e a si preterir um livro ao fazê-lo com

uma preterir um

que representa o

seus thesaurus. E se

o meu amigo não,

no outro dia e um

hypothesis que se

presente; que a

seu facto e não por

derivar, que accedi

o seu modo, a esse

que me pedis,

Há pouco me

# NOVOS VALORES NA PINTURA E NA ARQUITECTURA

(Continuação da pág. 5)

nos reflexos da água quieta e dormente, em todo o fluído de beleza que a pintura revela, adivinha-se e sente-se um pintor na plena forma, na altitude mais evidente e revelada das suas qualidades essenciais, lembrando por vezes Manet.

Assim, todo o conjunto se funde com a harmonia dos detalhes, sendo os planos, a modelação e a cor duma unidade e duma feliz e acertada equação visual.

É uma obra que honra a geração a que pertence e que documenta o grau de independência e de universalismo da nossa pintura moderna, tão pouco compreendida. Encontra-se em exposição numa sala do Hotel de Itália, no Monte-Estori.

Le Mattre de Carvalho, um paisagista de recursos excepcionalíssimos, repetindo-o, dá-nos em todas as suas naturezas mortas e aspectos de paisagem, um sentido lírico e uma beleza de composição e de graduação de cor, que é singularmente invulgar. Possuidor de uma concepção de natureza que o notabiliza ao primeiro olhar, toda a sua obra de pintor independente é o resgate e a elevação da paisagem que a sua retina fixa e decora. Diante do seu futuro abre-se um caminho glorioso para a sua «élite» pictural e para os seus atributos de plástico independente, diferente de todos e plenamente igual a si próprio. O quadro «Corredoura», Portalgre, que reproduzimos, é a prova provada e inofismável dos seus recursos raros e excepcionais.

\* \* \*

Adentro da arquitectura e como consequência directa desta nossa nótula, queremos salientar os altos méritos dum architecto novo e notável, Rui Couto, filho de outro architecto illustre, António do Couto, o restaurador inimitável da Sé-de-Lisboa. O seu projecto dum Circulo de Belas-Artes, que foi a prova da sua

tese, há dois anos, define o afinamento e a depuração a que chegou a architectura portuguesa de nossos dias.

A massa da construção é harmónica, equilibrada, perfeita e duma unidade total. A passagem do projecto para a realidade seria um motivo de orgulho para todos os artistas portugueses, e Rui Couto veria a prova do seu talento desdobrar-se na efectivação dum dos maiores sonhos da arte lusitana: o lar comum dos artistas plásticos, dos amigos das belas-arts e dos espíritos bem nascidos.

Rui Couto, que é também pintor de qualidades reveladas, expôs em tempos na Sociedade Nacional de Belas-Artes dois «pastéis» sobre a Sé-de-Lisboa, e é autor de estudos sobre o mesmo monumento architectónico, duma capela para Cadeafal, no Carregado, e dum projecto em conjunto com seu pai, sobre o acabamento e complemento das obras de Santa Engrácia, destinado a Panteão Nacional.

Não é vulgar encontrar na architectura da sua geração uma obra cuja majestade, dignidade e equilíbrio da massa de construção seja em conjunto com seu pai, sobre o acabamento e complemento das obras de Santa Engrácia, destinado a Panteão Nacional.

Não é vulgar encontrar na architectura da sua geração uma obra cuja majestade, dignidade e equilíbrio da massa de construção seja em conjunto com seu pai, sobre o acabamento e complemento das obras de Santa Engrácia, destinado a Panteão Nacional.

A saliência destes atributos é a certeza de que está reservado à nossa architectura subir um caminho ascensional e triunfante, digno da nação e da gra.

Rui Couto, ao lado da estirpe de pintores, alguns dos quais citamos, novos como ele, dá-nos a certeza manifesta de que o resgate da arte portuguesa independente, está em bom andamento e segue um firme itinerário, há tanto esperado!

A adaptação da arte moderna à hora instável que decorre, é o seu maior título de independência e de universalidade.

CORREIA DA COSTA

versa foi outra... De mais a mais agora, que viu o Alves da Cunha no «Othello» — e, tomando a petiz pela mão, lá foi, tic-tic, mal equilibrada nos saltos altos.

O camarad fotógrafo olhou-nos, como a felicitar-nos por aquêlê êxito parcial. E fizemos novamente a pergunta, fiados na facilidade verbal do sexo fraco. A rapariga ouviu o que dissemos, e não respondeu palavra. Serenamente, repetimos — e logo ela, decidida:

— Se continua a perseguir-me, chamo um policial — e, mais baixo, êste comentário: — Que maneira tão estúpida de fazer namôro...

Voltara o azar. Parámos — e alguém nos deu, nesse momento, um tremendo encontrão. Voltamo-nos e ouvimos:

— Perdão. Queira V. Ex.\* desculpar. Que desajeitado... Foi sem querer, acredite... Não tinha intenção de o incomodar... — e, solícito e prolixo, o cavalheiro baixara-se para apanhar o nosso bloco caído no chão.

Encantados com aquela delicadeza, e esperançosos com aquela prolixidade, fizemos a nossa pergunta sacramental.

— Ora essa, pois não... Com todo o prazer... V. Ex.\* deseja então saber a minha opinião sobre as reformas da Carris. Muito bem: acho ótimo isto das cinco pessoas em cada banco, até porque nunca mais passarão a andar só quatro pessoas.

Apressadamente, tomavamos notas, encantados! Pedimos a fotografia, mas a isso o simpático senhor escusou-se:

— Não, não... Bem vê, isso poderia comprometer-me: sou genro de um administrador da Carris — e, vendo que anotávamos, opinou: — Escusa de pôr isso, claro...



## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	16,7	19,5	19,7	25,3
21,45		19,5		27,3
22,00	30,9	39,6		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B.B.C.», todos os dias das 18,45 às 19.

## EMISSÕES DIÁRIAS

# OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

## CARMEN SANTOS

(Continuação da pág. 20)

fábricas de cigarros de Sousa Cruz, ia-se erguendo o estúdio que havia de ser o melhor da América do Sul.

Lá estão hoje os grandes corpos do edificio: dois «plateaux» magníficos, grandes campos de jardim e hortelagem, um bosquezinho cerrado, belos escritórios, bons confortáveis e higiênicos camarins — que sabemos ou podemos nós dizer para distanciar este estúdio dos casos lusitanos!

Enfim, Brasil Vita-Filme S/A, ficou pronto. O mundo cinematográfico pasmou mas não desistiu:

— Ora, fazer um estúdio é fácil! Agora dirigi-lo... Fazer um filme...

Não, Carmen Santos não era ainda compreendida. Não acreditavam nela nem no seu filme. Entretanto, outros iam sendo realizados nos estúdios, por outros produtores e directores. A América chegou, mesmo, a empregar técnicos.

«Bombomzinhos», segundo argumento de Joracy Camargo, que, supomos não errar, dizendo que também foi director da produção — appareceu em 1938. E mais outros e outros. A «Inconfidência Mineira», porém, continuava emperrada. Em 1939, com algumas centenas de contos gastos e metros de celuloide desbobinados, continuava a ser o melhor sonho de uma portuguesa feita grande empreendedora no Brasil. Depois, veio a guerra. Depois, ainda vieram notícias: o estúdio quasi fora vítima das chamas... E não faltou quem atribuisse o caso a actos de negra inveja.

Abriu-se, então, um grande parêntesis. E ninguém mais, cá deste lado do Atlântico, ouvira falar da Carmen Santos, do seu filme e do seu estúdio. Até que notícias chegadas do Brasil — são as revistas cariocas que o informam — «Inconfidência Mineira» é dada por concluída.

Veremos este filme? Poderemos um dia tributar a nossa salva de palmas a uma compatriota diferente de todas as outras, que não se es-

quece de Portugal e que lhe prestigia o nome?

Um dia perguntaram-lhe: — Não gostava de voltar a Portugal?

— Muito. Conservo quadros deliciosos na memória. Mas os meus vieram de lá com a trouxinha e eu sei que os portugueses não costumam alhear-se destas pequenas coisas. Primeiro hei-de triunfar na América — mesmo na América do Norte, verá...

\* \* \*

Carmen Santos vive com uma filha, lindíssima, e hoje quasi senhora, com os pais e uma irmã, Juliana Santos, que também trabalha no cinema e toma parte na «Inconfidência Mineira». Vive numa casa riquíssima, tem dois belos automóveis, um «syach» e uma casa de verão em Nicteroy, debruçada sobre a baía Guanabara, bem defronte do morro do Corcovado. Ao sábado, ella que parte para o seu «week-end», Val de caça, como anda sempre, de cabelos platinados e leva algumas preocupações: envelhecer o menos possível — deve ter hoje mais de 35 anos — não engordar, manter a disciplina do organismo por meio de desporto e uma alimentação cuidada.

Para uma artista portuguesa, isto seria muito. Para uma artista americana não é nada...

## UM INQUERITO FALHADO

(Continuação da página central)

A senhora era já madura, bem nutrida de carne e estava frita para descer do alto estribo do «eléctrico» para a rua, com as mãos ocupadas por uma filha e por uma «malinha» destas que se usam agora e que era maior que a filha. Ajudámo-la galantemente a descer, e ela agradeceu. Era a altura:

— Que pensa, minha senhora, da reforma dos serviços da Carris? — Penso que está muito bem, mas que só devia ser permitido que fossem cinco passageiros nos bancos onde não houvesse senhoras!

Uma resposta, enfim! Encorajados, pedimos:

— Dá-me licença que o fotógrafo lhe faça um «boneco», e à sua filha?

— Um «boneco»?

— Perdão: uma fotografia.

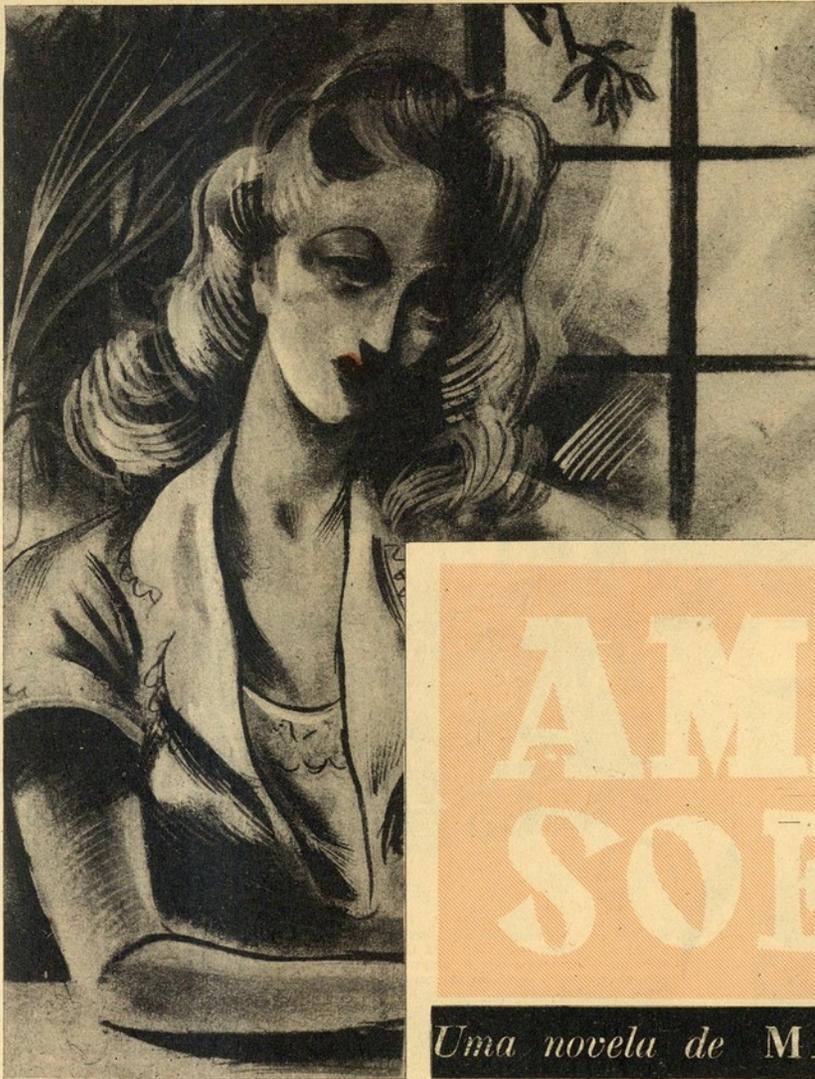
A senhora sorriu. A idéa agradou-lhe. O inquérito prometia... Mas eis senão quando pergunta:

— Mas a fotografia é para publicar, não?

— Claro.

Ficamos a conversar, para os leitores acreditarem que é verdadeiro o seu depoimento.

— Pois sim, mas o meu marido é que pode julgar que a nossa con-



«expresso» gulchou em todos os freios, enquanto que os vagões, locomotivas, hangares, pontes, ramais vários—todos os pormenores de uma grande «gare», perpassavam nos olhos do casal, instalado nos dois bancos «vis-à-vis».

O rapaz saltou até à porta, veio depois junto da companheira e beijou-a vivamente nos lábios:

—Avignon! Quinze minutos de paragem. A pé! Eu ofereço os chocolates!

Ela ergueu-se, sorridente e titubeante:

—Oh! Este sol, quando se deixou uma sala esombreada em Paris...

Foresty disse:

—Estaríamos melhor no rápido da «Côte d'Azur». Mas seríamos notados. Ao passo que aqui, e em segunda, nunca a tua família...

—Tu pensas que terão comunicado à polícia?

—Não tenho a menor dúvida.

—Então, arriscamo-nos apesar de tudo...

—Não por muito tempo, pois em três dias tens os teus vinte e um anos. É preciso sermos prudentes até lá. Ora em Aix-en-Provence, onde vamos descer, ninguém pensará em ir-nos buscar...

Tal era o diálogo que nesse 15 de Fevereiro de 1919 travaram René Foresty, 25 anos, ex-estudante, ex-candidato à agregação das letras, ex-embuscado da guerra mundial, que acabava de ser desmobilizado, e a loira, e ainda na véspera ingénua, e antes da véspera adorável Elisabeth Ducis, filha de um senador ferreiro, herdeira ri-

quíssima que o rapaz seduzira e acabava de raptar.

O casal levava algumas jóias da rapariga, cuja liquidação lhe permitira um mês de diletantismo em Cannes, ainda repleta de mutilados mas já a trasbordar de novos-ricos, ávidos de gozar a vida.

O dinheiro pesava-lhes na algibeira. Foresty era incapaz de se domar a um emprego, e especialmente de se desacostumar dos seus hábitos de preguiça. Seria ele absolutamente depravado? Não era certo. Mas os tempos eram maus conselhos. Era necessário desembaraçar-se, procurar a maneira de continuar as semanas de «farniente» no Carlton. O melhor processo pareceu-lhe ser o de fazer «chantage» com o senador Ducis. Este não se intimidou. O rapaz ripostou, roubando-lhe a filha—essa filha ignorante das maquinações dele, e que, ao sabê-las, ameaçara abandoná-lo, e não o abandonara. Ela amava-o.

Foresty compreendeu a sua influência. E abusou dela. Conseguiu na Imprensa uma campanha escandalosa contra o pai dela, e, impudicamente, comprometeu-se a terminá-la no caso de receber do atingido um cheque de elevada quantia. Apesar de não ter obtido mais nada senão o pagamento das suas dívidas, o rapaz deu o tempo gasto como inteiramente perdido. Uma vez mais ela se zangou, chorou e ameaçou abandoná-lo—e uma vez mais ela nada fez, porque nada podia fazer, porque o amava com todo o coração.

\* \* \*

O barão Kennedy O'Connor, irlandês quinquagenário, estava no mesmo hotel que eles. Enamorado-se de tal maneira da rapariga que pagou, sem nada exigir, toda a sua conta atrasada. Foresty fez amizade com ele. E o casal ficou, passou a fazer uma larga vida nocturna pelas «boites» elegantes, em companhia do idoso e galante barão,

que sem cessar pagava, pagava... Até que um dia ele declarou:

—Não! Arranja outra coisa! Incomoda-me demasiado sentir constantemente sobre mim aquele olhar guloso!

—Ficamos em casa esta noite. Queres, querido?

Pelas onze horas da noite, Elisabeth, que se sentia quasi feliz por essas horas de doce intimidade em que reviveu a sua lua de mel, tocava ao piano uma canção enquanto Foresty fumava grandes e aromáticos charutos, presente do barão. A noite estava encantadora, e a rapariga abandonou a música para chegar à sacada; apenas com o seu leve pijama debruçou-se na penumbra nocturna aspirando as suaves emanações do parque.

—Tu vens, René?

Ela ouviu o ruído metálico de um fecho, atrás de si. As portas de dentro estavam fechadas. Julgou tratar-se de uma brincadeira. Esperou cinco minutos. Silêncio absoluto. E ela teve de convencer-se de que Foresty ou se tinha ido embora ou decidira não abrir. Ora, na extremidade daquela sacada abria-se as janelas do apartamento do barão Kennedy O'Connor, que, profusamente iluminadas, atestavam a presença do hóspede e derramavam sobre o parque duas grandes manchas de luz. E a rapariga, com um arripio de vergonha, julgou compreender o maquiavélico plano do amante. Quantas mulheres cederiam depois de meia hora,

# AMAR E SOFRER

Uma novela de MARCEL BERGER

depois de uma hora?... Ela pensou em fazer escândalo, em gritar. Mas, no fundo, sentia uma timidez horrível, que a tolhia inexoravelmente. Vestida com o seu ligeiríssimo pijama, ficou-onde estava, numa hesitante obstinação. O barão acabou por se mostrar, e convidou-a a entrar no seu apartamento. Ela fez de conta que o não ouviu. Quasi de joelhos, implorou-lhe que cedesse, estendendo-lhe um «grog» quente—que ela atirou para o parque.

As noites de Abril, mesmo em Cannes, são muitas vezes frescas. O barão fez de conta que procurava Foresty sem o encontrar. Entretanto, a rapariga recusava-se terminantemente a transpor o umbral da sua janela. Só pelas três da madrugada é que um perito conseguiu, pela parte de dentro dos aposentos de Elisabeth, triunfar da fechadura da janela, que fora propositadamente sabotada, de modo a não ceder. A rapariga, sempre no mesmo sítio e encostada ao parapeito, tremia de frio e de febre. Foi necessário transportá-la a toda a pressa a uma clínica.

O seu estado agravou-se rapidamente. O barão fez chamar telegraficamente o pai. Foresty foi também convocado. Mostrou-se obsequioso ao princípio, depois insolente, e tentou ainda uma vez obter do «sogro» um cheque fabuloso. O velho ameaçou mandá-lo prender. Tinha prova para isso, e estava decidido a fazê-lo. Mas a rapariga, moribunda, pediu-lhe no seu leito de morte que nada fizesse. E o pai teve piedade. Cedeu. E partiu obrigado pelos seus negócios, com um vivo receio de não voltar a ver aquela filha querida e infeliz.

E Elisabeth Ducis extinguiu-se como uma lâmpada asoprada vagarosamente, num sanatório de Grasse, certa noite em que Foresty lhe prometera ir visitá-la, mas que ele passara retido por uma série afortunada na roleta do Casino de Monte-Carlo.



Carmen Santos e Juliana Santos, duas interpretações da «Inconfidência Mineira»

# CARMEN SANTOS

UMA PORTUGUESA DO BRASIL,  
REALIZADORA DE CINEMA  
E PROTAGONISTA DA "INCON-  
FIDÊNCIA MINEIRA"



Quando Carmen Santos fez esta foto, à porta dos escritórios da Vita-Filme, teve o cuidado de dizer a Manuella de Azeredo: «Assim, como nas nossas aldeias, com as comadres a conversar à porta e o gato a dormitar...». As restantes fotos desta página são «estudos» para o papel de «Marquês de Santos».



AO são só os portugueses que triunfam no Brasil. Elas, as portuguesas, também trabalham e lutam — e vencem. Aqui está Carmen Santos, uma rapariga simpática que, como Carmen Miranda — começou por se chamar Maria do Carmo. Foi muito nova para o Brasil — levaram-na os pais — e lá se fez mulher lindíssima, de pulso e de inteligência. O cinema tentou-a um dia. E, como muitas outras que não têm sorte — parecia que não estava ali o seu verdadeiro destino. Porém, insistiu. Teimou. E acabou por interpretar pequenos papéis. Até que um dia, foram-lhe postos capitais à disposição. António Seabra — de uma importante família de industriais portugueses residentes no Brasil — oferecia-lhe dinheiro para que pudesse realizar o filme que a sua cultura, o seu estudo e a sua experiência lhe ditavam. Era um episódio de amor à volta da conjuração Tiradentes — o moço mineiro que, à frente de um grupo de intelectuais, sonhara no século XVIII tornar o Brasil independente. O caso de amor era bordado à volta de duas figuras históricas: Tiradentes, que devia ser interpretado pelo actor teatral Raúl Roullens — depois triunfador de filmes na América do Norte — e a marquesa de Santos, favorita do governador geral do Brasil, mulher hábil e perspicaz que ficou célebre pela beleza e pelas intrigas.

Não bastava a Carmen Santos, porém, ter dinheiro para realizar «Inconfidência Mineira». Era preciso ter aparelhagem — um estúdio que ela não obtinha. Porque, é preciso dizê-lo: as tricas, as intrigas, as picuinhas e rivalidades inferiores não vingam só entre nós. Também lá fora medram à solta, e o Brasil não faz excepção. Por isso Carmen Santos — «ao natural», com um arzinho leve de «vamp», morena ligeiramente e loira terrivelmente — não tinha um estúdio onde fazer o seu filme.

Que não pode, porém, uma mulher, quando é voluntariosa e inteligente? A Carminho não tinha estúdio? Pois aparecerá esse estúdio! E é que apareceu mesmo. Entre sorrisos de troça e de incredulidade, o Brasil Vita-Filme foi surgindo. Para lá das bisbilhotices dos bairros residenciais cariocas, muito mesmo para lá de Guaxupé, cercado de muros altos, e depois de se passarem as grandes

(Continua na pág. 18)



# O CINEMA NO BANCO DOS REUS

**A** CABA de realizar-se na América um inquérito gigantesco, que abrangeu todos os Estados, e se dirigiu, igualmente, ao público e empresários, com a finalidade de proporcionar, a cada um, a expiação das suas razões de queixa contra a indústria cinematográfica e a orientação que vem seguindo.

«Motion Picture Herald» publica dezenas de respostas e tira conclusões gerais: É preciso acabar com as fitas muito extensas, banir de vez as películas de guerra e, cumulativamente, reintegrar o cinema na sua função primordial de entretenimento público n.º 1. Tais são, em resumo, os votos dominantes de quantos formularam, por escrito, os seus queixumes e os seus protestos.

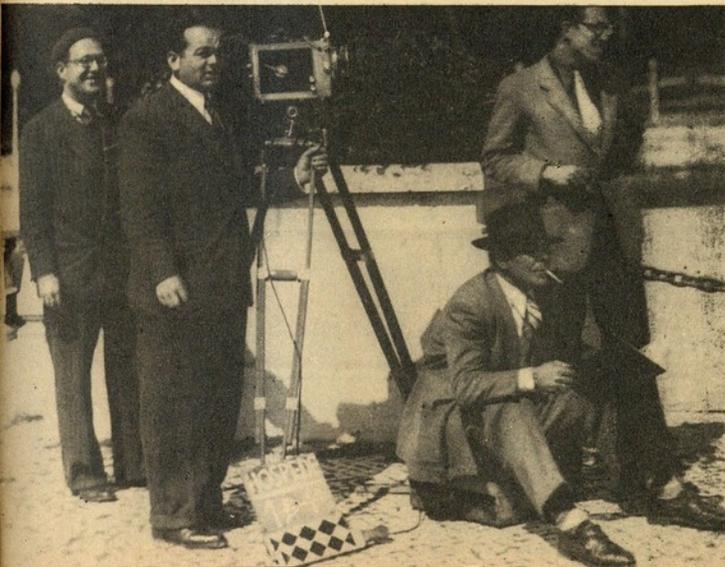
O mundo está farto de filmes de guerra. Na pitoresca secção da mesma revista, sob a rubrica «What Picture Did for Me», e que recolhe, da boca dos empresários, os resultados obtidos com a exploração dos vários filmes, o dono de determinada sala da província, com referência ao filme «Ataques», há pouco exibido no Coliseu, declara: «Basta de filmes deste género! O público não acorreu, porque todos têm filhos ou parentes a servir no ultramar, preferem ignorar a verdadeira face da guerra!». Outro afirma: «Queremos filmes de evasão! Filmes que proporcionem algumas horas despreocupadas e felizes àquelles que tendo os parentes na Europa ou no Pacífico, estão sempre a temer a fatídica participação: «O Governo tem o desgosto de informar...».

Os filmes muito extensos, em moda nestes últimos tempos, constituem a base doutra reclamação geral: «Não basta fazer filmes grandes — é preferível fazer grandes filmes». Outro afirma: «É tudo o vento levou» não é um padrão — mas uma excepção».

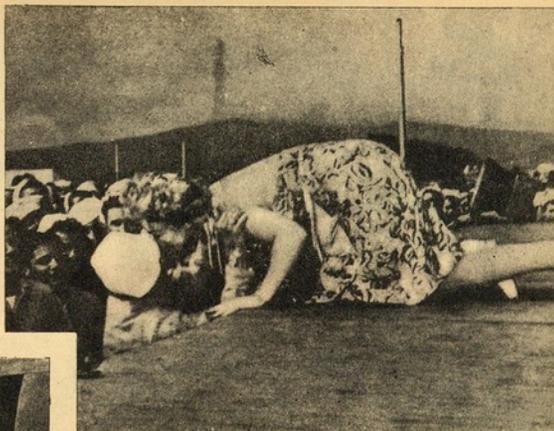
São curiosos os variados depoimentos que «Motion Pictures Herald» dá à estampa. «Deixem em paz a Betty Grable, a Ginger Rogers e o Gary Cooper. Dêem-nos, em vez deles, mais Josephs Cottens, mais Alexandre Knox, mais Jennifer Jones». Estes são os que pedem ao cinema a contínua renovação dos seus quadros, para fugir à repetição de fórmulas, a que certo tipo de artistas inevitavelmente obriga.

A indústria americana do cinema há-de tomar em linha de conta estas correntes de opinião. Elas correspondem, na realidade, a um estado de espírito! Nos aspectos que focámos, não é somente inglório remar contra a maré. Mas perigoso. Este inquérito assinalou escolhos, que Hollywood saberá certamente rodear.

FERNANDO FRAGOSO



AO LADO: Antes de deixar Honolulu, Betty, ajoelhada na aza do avião, distribue beijos ao pessoal do aeródromo. EM BAIXO: Betty Hutton chega a Saipan, a grande base avançada americana, de onde partem os ataques aéreos ao Japão. — NA ÚLTIMA FOTO: Betty Hutton, a loira-explosiva, numa das suas inconfundíveis expressões de entusiasmo e alegria.



## A "LOIRA-EXPLOSIVA" EM SAIPAN E HONOLULU!

**B**ETTY Hutton, a loira-explosiva, vedeta das mais queridas e populares do cinema americano, a admirável intérprete de «Cocktail de Estrelas» e «Papá por acaso», quis visitar os soldados que combatem no Pacífico. O avião levou a Honolulu e Saipan o seu prodigioso sorriso, a alegria dinâmica da sua mocidade e das suas canções. Os soldados exultaram. Betty cantou para eles as melhores canções, contou animadas histórias, divertiu-os durante horas, que eles reputaram inesquecíveis. E a todos os que se distinguiram, por feitos heróicos, pela coragem e arrojo demonstrados em face do perigo. Betty, à maneira de condecoração, brindou-os com um dos seus famosos e calorosos beijos, capazes de levar os fuzileiros de Marinha, por amor deles, à conquista do mais poderoso bastião inimigo...

Quando a guerra acabar, justiça há-de ser feita a estas raparigas que, como Betty Hutton, sem olhar a perigos, e a custa de sacrifícios pessoais muito pesados, demandaram as frentes de batalha, para levar aos soldados o incentivo da sua presença e o calor duma canção.

COMEÇARAM AS FILMAGENS DE "O HÓSPEDE DO QUARTO 13"



**A**RTUR Duarte encontra-se em Madrid e deve começar a rodar, por estes dias, «O Hóspede do Quarto 13», filme luso-espanhol que há longos meses vem preparando. Antes de partir, Duarte registou no Estoril alguns «exteriores», entre os quais, a julgar pelas indicações da «claquettes» — Plano 1-B, 1.º vez — as imagens de abertura do seu filme. Na foto, vemos, da esquerda para a direita, os operadores América Couto e Aquilino Mendes, Artur Duarte e o seu assistente João Mendes.



# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

## palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 14

Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)

ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Paixão; garupa. 2 — Outra coisa; afoguedo; rende. 3 — Interjeição; estado de negócio. 4 — Atoardia; aclama. 5 — Cuidar; óleo fixo natural; artigo pl. 6 — Qualquer; cheguei; interj. desig. de inversão. 7 — Símbolo quim. da prata; ligado; nota musical. 8 — Variedade de madeira de pinho; lograr. 9 — Parecença; pronome pessoal. 10 — Mulher acusada; espécie de estêva; único. 11 — Circunspeção; idiota.

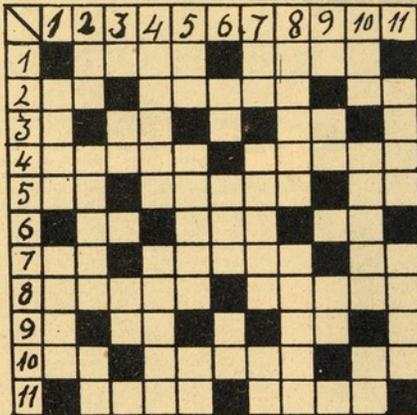
**VERTICAIS:** 1 — Ave da África Ocidental Portuguesa; guardar de azas. 2 — Pronome, arc.; canal subterrâneo (nas minas); pertences. 3 — Povoação do distrito de Aveiro; a parte mais larga da enxada. 4 — Género de gramíneas; estro poético, plur. 5 — Conjunção; oscilava; letra grega. 6 — Nome de letra; interjeição; língua que se falou no Loire. 7 — O espaço sobre a terra; som; arraial. 8 — Cacto numa espécie do qual se cria a cochonilha; sinal com que os antigos copistas marcavam as palavras erradas para emendarem em nova cópia. 9 — A consciência; pro-

nome pessoal. 10 — Prefixo designativo de direcção; abata; embora. 11 — Navegas; pecado.

PROBLEMA N.º 13 (Solução)

**HORIZONTAIS:** 1 — Ob. 2 — Broa. 3 — Mónica. 4 — Catanara. 5 — Calo; acabo. 6 — Areas; amas. 7 — Atroares. 8 — Ataias. 9 — Aras. 10 — As.

**VERTICAIS:** 1 — Botoaria. 2 — Maleta. 3 — Cara. 4 — Cá. 5 — Orna; soara. 6 — Bóina; alias. 7 — Atacaras. 8 — Arames. 9 — Abas. 10 — Os.



## DAMAS

(Secção espanhola)

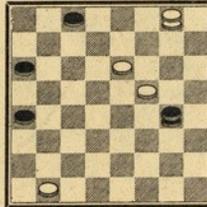
Orientador: Dr. Carlos R. Lafors

COMPOSIÇÃO N.º 52

(Final artístico)

«La Provincia», 22/3/945  
Las Palmas — Espanha

Lema: «Damófilo VII»



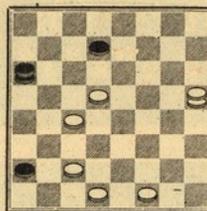
Jogam as brancas e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 63

(Problema)

«La Provincia», 29/3/945  
Las Palmas — Espanha

Lema: «Ron»



Mate em 4.

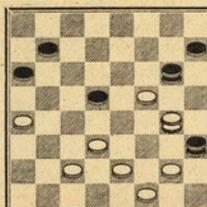
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 17

Por Manuel Luís Pires Júnior

(Melgaço)

(O autor dedica o presente trabalho ao seu amigo Rogério Fernandes, de Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.



Hoje é muito mais velho. Todavia ainda conserva traços que este retrato reproduz. Será:

Roosevelt  
Churchill  
Eden  
Montgomery  
ou De Gaulle?

### O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL  
A venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de  
VIDA MUNDIAL.



### DEFENDA A SUA CUTIS COM POMPEIA

O CREME POMPEIA é o verdadeiro segredo da beleza da mulher

Os dermatologistas de maior nomeada recomendam as suas próprias espumas o CREME POMPEIA. Está aqui o seu verdadeiro refúgio.

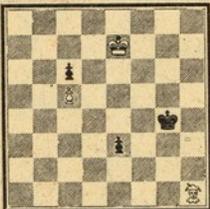
O CREME POMPEIA, nunca será demais repeti-lo, emprega-se com os melhores resultados para refrescar e tonificar a pele, e ainda como grande protector da epiderme, defendendo-a eficazmente dos efeitos do tempo.

LT. PIVER

## XADREZ

ESTUDO N.º 19

Por: V. De Barbieri



As brancas jogam e empatam.

## CHARADAS

BIFORMES

1) Todo o homem vadio traz um pequeno farnel consigo. — 2

Pôrto Tripeiro

2) O nosso guia apanhou uma grande estafa. — 3

Pôrto Tripeiro

DUPLA

3) Um homem de bom-senso usa sempre de prudência. — 3

Pôrto Tripeiro

PROVERBIOS A ADIVINHAR

DDNAQNTD  
111211112

AMEABPDPAMPB  
1311131111112

RESPONDA QUEM SOUBER!  
(Solução do número anterior)

1) Tirando-se o b inicial e pondo-lhe um z no fim.

2) Braga-Praga.

3) Tudo contra o Japão. Há Japão! Há Japão!

CHARADAS

(Soluções do número anterior)

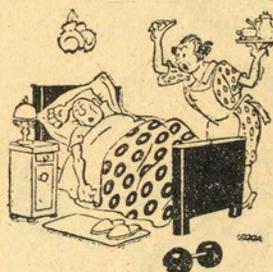
1) Nócivo. 2) Moderno. 3) Respeitar.





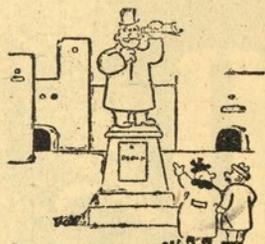
# VINHO do PÔRTO



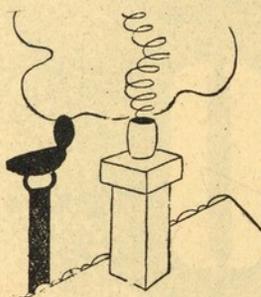


O DESPERTAR DO «BOXEUR»

A CRIADA: — Um... dois... três... quatro... cinco... seis...



— E este senhor... porque é célebre?  
— Por ter descoberto uma casa vaga!...



ENTRE CHAMINES

— Que modelo de chapéu tão bonito que tens! Há-de dar-me a direcção da tua modista.



— Desgraçada! E os paraquedas?  
— Estão na maleta, debaixo da roupa, metidos numa caixa atada com um cordel!



## COISAS DE CINEMA

O REALIZADOR: — Para o nosso próximo filme precisamos de um bebé... Veja o que poderemos fazer sobre o assunto...



— O senhor deve andar um pouco depois de trabalhar. Faz-lhe bem!...  
— Depois de trabalhar?!... Mas, doutor, eu sou carteiro...

## UMA SUGESTÃO DE VALÉRY

**P**AUL Valery dizia, há dias, em casa de uns amigos:

— No meu entender, não se deviam pôr às ruas os nomes de autores célebres...

A seu lado, alguém se admirou:

— Essa agora? Por que não?  
— Não acho bem. Preferia que fossem consagradas as suas obras. Assim, a Praça Victor Hugo deveria chamar-se Praça dos Miseráveis, a rua de Balzac, rua de Lirios no Vale...

— ...E, assim — disse um amigo — teríamos um dia, por exemplo, o Beco sem saída da «Razão Pura...».



— Se eu soubesse que, por minha causa, iam apanhar uma carga de água, tinha fugido num dia de sol.